

Correio das Artes

ANO
XXIV

Nº
06



Agosto
R\$ 12,00

Exemplar encartado no jornal A União apenas para assinantes. Nas bancas e representantes.

O polímata Odilon Ribeiro Coutinho

Nascido há 100 anos, o escritor, pensador e político deixou um legado que vai do amor aos livros ao senso de coletividade social. Nesta edição, um perfil especial do homem que cultivou amizades e procurou zelar pela memória histórica e cultural da Paraíba.

suplemento literário
do jornal A União
2023



Livraria A UNIÃO

Casa da literatura paraibana

**A casa da literatura paraibana está também online!
Entre na Livraria A União e receba os melhores textos
da Paraíba a um clique!**

Acesse:



www.livrariaauniao.pb.gov.br/epc_livraria/loja/

marketing epc



EMPRESA
PARAIBANA DE
COMUNICAÇÃO



GOVERNO
DA PARAÍBA

O centenário de Odilon

Há 100 anos nascia, em Santa Rita, Odilon Ribeiro Coutinho, homem que se notabilizou pelo conhecimento amplo, o amor aos livros e o cultivo aos amigos. Sua verve intelectual, aliada aos escritos que publicava em jornais, o credenciaram a uma cadeira na Academia Paraibana de Letras.

A história da sua vida, suas conquistas e o legado que deixou após sua morte repentina, no dia em que faria 77 anos, em 2000, são resumidas nas páginas seguintes, em mais uma apuração de fôlego da repórter Alexandra Tavares, junto a acadêmicos, escritores e jornalistas que conviveram de perto com o escritor, ex-deputado federal, conferencista, advogado e incentivador cultural.

Gozando de amizades que ultrapassaram as fronteiras da Paraíba, Odilon Coutinho se tornou um personagem ímpar não só do meio literário e social de João Pessoa, onde viveu a maior parte da sua vida, mas também da política, conquistando a admi-

Gozando de amizades que ultrapassaram as fronteiras da Paraíba, Odilon Coutinho se tornou um personagem ímpar não só do meio literário e social de João Pessoa, onde viveu a maior parte da sua vida, mas também da política, conquistando a admiração de figuras nacionais, como o atual vice-presidente da República, Geraldo Alckimin, que falou sobre o paraibano, com exclusividade para o Correio das Artes

ração de figuras nacionais, como o atual vice-presidente da República, Geraldo Alckimin, que falou sobre o paraibano, com exclusividade para o Correio das Artes.

Um capítulo importante dessa reportagem é a amizade estreita que o paraibano teve com o polímata pernambucano Gilberto Freyre, além de ter sido muito próximo a outros grandes vultos da cultura brasileira, como o poeta Thiago de Mello.

Para além da reportagem de capa, a personalidade de Odilon Ribeiro Coutinho se revela através de depoimentos exclusivos da professora e ex-presidente da Academia Paraibana de Letras, Ângela Bezerra, dos também acadêmicos José Mário da Silva e José Nunes, e ainda do jornalista Frutuoso Chaves.

Em todos eles, é possível descobrir como era o empresário e intelectual na vida privada, junto a amigos mais próximos, e que deixou um pensamento social contundente, que merece ser resgatado.



SECRETARIA DE ESTADO
DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL



Naná Garcez de Castro Dória
Diretora Presidente

William Costa
Diretor de Mídia Impressa

Amanda Mendes Lacerda
Diretora Administrativa,
Financeira e de Pessoas

Rui Leitão
Diretor de Rádio e TV

Correio das Artes

André Cananéia
Editor do Correio das Artes

Paulo Sérgio
Diagramação

Domingos Sávio
Arte da capa

Tonio
Ilustrações

OUVIDORIA: (83) 99143-6762

Índice

20 / livro

Na coluna Convivência Crítica deste mês, Hildeberto Barbosa Filho analisa o livro 'Pensamentos Vadios', recém-lançada coletânea de textos escritos pela paraibana Maria das Neves Franca.

22 / russo

Morando na Rússia, o jornalista e escritor Astier Basílio entrega a tradução de célebre poema 'Домой!', de Vladimir Maiakóvski, rebatizado como 'Indo para a casa'.

25 / resgate

A história do escritor e diplomata baiano José Manoel Cardoso de Oliveira, que além de genro de Pedro Américo, é autor de uma destacada biografia do pintor paraibano.

32 / música

Faixa do primeiro disco gravado por Jackson do Pandeiro, 'Sebastiana' completa 70 anos. Conheça a saga do coco composto por Rosil Cavalcanti, regravação por Gal Costa, Xuxa e que ganhou versão até no exterior.

42 / erótico

Em entrevista exclusiva, o contista piauiense João Luiz Rocha Nascimento fala sobre 'Morangos Silvestres', seu mais recente livro, uma antologia de contos eróticos.

43 / scholia

Colunista do Correio das Artes, Milton Marques fala sobre 'Ei-Lo Pulando de uma Casa para Outra', projeto que pretende revelar os passos de Augusto dos Anjos pela cidade de João Pessoa.



Odilon Ribe

O empresário que cultivava arte, memória e saberes

Alexsandra Tavares
lekajp@hotmail.com

Mesmo comandando o ritmo incessante das máquinas da Usina São João, em Santa Rita, a mente multifacetada do empresário e intelectual Odilon Ribeiro Coutinho (1923-2000) permeou, com maestria, pela literatura, política, advocacia e sociologia. Em todas essas áreas, o escritor, ex-deputado federal, conferencista, advogado e incentivador cultural atuou, conquistando uma legião de amigos.

FOTO: ARQUIVO A UNIÃO / OLENILDO NASCIMENTO

iro Coutinho



Alckmin (acima, à esquerda) se referiu ao intelectual paraibano como um democrata; para a ex-deputada federal Moema São Thiago (acima), Odilon "era um sábio"; radialista Maurílio Batista (ao lado) se tornou confidente do advogado e político

Neste centenário de nascimento do paraibano, alguns deles fizeram questão de registrar memórias e saudar a passagem de um homem que marcou seu tempo, cujo ecletismo de conhecimento o fazia amigo de escritores e artistas consagrados como Gilberto Freyre, Jorge Amado, José Lins do Rego, bem como de personalidades políticas como o sociólogo e ex-presidente da República, Fernando Henrique Cardoso.

Mesmo quem possui uma agenda repleta de compromissos, como o vice-presidente da República, Geraldo Alckmin, não deixou de prestar homenagens ao "saudosos Odilon", que teria completado 100 anos em 12 de julho de 2023. "Celebrar o centenário de Odilon Ribeiro Coutinho é rememorar a vida de um homem que participou de alguns dos mais importantes capítulos da história política brasileira, na segunda metade do século 20", frisou Alckmin.

O vice-presidente acrescentou que o paraibano santarritense era um "intelectual, homem público e, sobretudo, um democrata", que iniciou a trajetória política como liderança estudantil, e participou da fundação do PSDB, em 1988, vindo a integrar a direção nacional do partido. "O saudoso Odilon nasceu na Paraíba, formou-se em Pernambuco e exerceu ativa liderança parlamentar como representante do Rio Grande do Norte, entre 1963 e 1967. Seu legado ainda nos inspira a lutar por um Brasil justo e democrático", concluiu Alckmin.

Justiça e senso democrático são termos que corroboram com as palavras de Maurílio Batista, radialista e ex-assessor político do paraibano. Segundo ele, a convivência entre os dois teve início na década de 1990, quando Odilon foi candidato a deputado federal pela Paraíba.

"Isso foi na época em que Ronaldo (Cunha Lima) foi candidato a governador e Odilon foi consultado para ser vice dele, mas não aceitou, pois queria ser candidato a deputado federal. Então, fui chamado para fazer a coordenação da campanha de Odilon. Viajamos por toda Paraíba, mas perdemos. A partir daí, continuei assessorando-o, que era um cavalheiro, uma figura extraordinária. Tive o prazer de usufruir dessa amizade até a sua morte".

O paraibano assumiu funções importantes como a presidência do Conselho da Fundação Joaquim Nabuco, da Fundação Gilberto Freyre, foi deputado federal pelo Rio Grande do Norte na década de 1960, foi vice-presidente da Federação das Indústrias do Estado da Paraíba e membro do conselho de representantes da Confederação Nacional da Indústria. Por outro lado, recusou convites almejados por muitos, desde cargos estaduais, como o de secretário de Cultura da Paraíba no governo de Antônio Mariz, até nacionais, como a de ministro.

"Odilon era amigo de Fernando Henrique Cardoso e quando FHC se tornou presidente do Brasil, sondaram ele para ser Ministro da Cultura. Odilon não aceitou e indicou Francisco Weffort. Creio que, para ele, essas funções tomariam muito do seu tempo e o entusiasmo dele era mais pelo meio intelectual", acrescentou Maurílio.

Como todo intelectual, o paraibano gostava da vida noturna, de escrever e era amante dos livros. Maurílio contou que, além de assessor, se tornou uma espécie de "confidente" do amigo, e uma das realizações de Odilon Ribeiro Coutinho era manter o amplo acervo de títulos que possuía na biblioteca particular. "Ficava na avenida João Machado e tinha cerca de 50 mil livros. Era uma coisa fantástica e uma das maiores bibliotecas particulares do Brasil. Quando ele ia escrever, se trancava nessa biblioteca, e eram raríssimas as pessoas que conseguiam ter acesso a ele nesse período em que estava escrevendo", disse Maurílio.

A ex-deputada federal, socióloga e advogada Moema Correia São Thiago conviveu com Odilon em Brasília, e enfocou que ele era um "sábio". "Extremamente cordial, inteligente e pacífico.

Era um grande conciliador dentro do PSDB e uma pessoa muito respeitada por todos, pela sua capacidade intelectual e pela sua postura ética nos compromissos. Foi fundador da Fundação Joaquim Nabuco”, salientou Moema.

Uma das recordações que ela tem dele é sobre as visitas mensais que o paraibano fazia a Brasília. De acordo com ela, o paraibano ficava na capital brasileira uns dois dias. “A gente almoçava ou jantava junto e fazia reunião com outros companheiros. Ele era bastante respeitado por todos os tucanos”.

Dentre as contribuições literárias, Odilon lançou o ensaio *José Lins do Rego, Perda e Reparação* (1961). Segundo a professora Ângela Bezerra de Castro, que é escritora, crítica literária e membro da Academia Paraibana de Letras (APL), a obra foi publicada como parte da Coleção Henrique Castriciano, em Natal (RN), terra onde Odilon foi deputado federal. Ângela explicou que, após a morte dele, a família publicou o livro *Gilberto Freyre ou o Ideário Brasileiro*, que reúne oito longas conferências, mais 40 artigos assinados por Odilon que falam da vida de Gilberto Freyre, um dos grandes amigos do santarritense. A obra foi publicada pela Topbooks e foi a própria crítica literária quem organizou e fez a seleção da publicação, que tem prefácio de Edson Nery.

Odilon também era membro da APL e ocupava a cadeira nº 35. De acordo com Ângela, o confrade “nasceu rico e capaz”, mas que tais circunstâncias, às vezes reduzidas a nada por muitas pessoas, foram colocadas a serviço do contínuo aperfeiçoamento como pessoa e profissional. “Ele dirigiu essas condições favoráveis para o aprimoramento de suas potencialidades. Colocou o ter a serviço do ser, deixando claro que o essencial era ser sábio, compreender-se, para compreender melhor os homens, o mundo e seus complexos mecanismos”, ressaltou a professora.

O presidente da APL, Ramalho Leite, também quis saudar o nome do intelectual nesse aniversário de 100 anos de nascimento. Para ele, Odilon Ribeiro Coutinho foi um agente cultural de importância não somente na Paraíba, mas também no Rio Grande do Norte, onde foi político militante. “Como membro efetivo da APL, deu sua contribuição ao acervo criativo da Casa de Coriolano e sua presença encheu sua época”, completou Ramalho.



FOTO: ARQUIVO A UNIÃO

Odilon Ribeiro Coutinho, que além de político e advogado, foi membro da Academia Paraibana de Letras: “Mais importante do que cada um são todos”

Olhar individual e o coletivo

**Odilon Coutinho
especializou-se
em desenvolver
rotas que
possibilitassem
aproximar os
indivíduos e não
conflitar as ideias**

O sociólogo, escritor e professor aposentado da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Moacir Alves Carneiro, declarou que o amigo, com quem tinha longas conversas vespertinas, era capaz de enxergar o individual e o coletivo. “Falar sobre Odilon Ribeiro Coutinho é revisitar o que há de melhor na humana convivência, a saudável e edificante amizade. Ele era empático, fidalgo e generoso. E nesse chão de predicados, era capaz de olhar o individual e o coletivo”, disse.

“Nas conversas longas que tínhamos nos finais de tarde, era como se ele dissesse: ‘Antes de todos, existe cada um. No entanto, mais importante do que cada um são todos’. E aí, ele trabalhava sempre com essa dupla polarização: o indivíduo e a coletividade”, completou.

Apesar de já se conhecerem desde o final da década de 1970, a aproximação entre ambos só ocorreu nos anos 1980, quando Odilon convidou Moacir para ingressar no PSDB e se candidatar a deputado. “Ele entendia que eu poderia dar uma grande contribuição na política como uma rota para a construção de uma pedagogia coletiva. Apesar de nos conhecermos desde 1979, foi a partir daí que me aproximei dele e fiz uma amizade bem estreita.”

Os anos passaram, os planos para alcançar cargos políticos também, mas a amizade permaneceu. O sociólogo e escritor frisou que, na visão dos franceses, o perfil de um indivíduo é multidimensional, em decorrência da complexidade humana. E sempre que uma pessoa pensa em traçar um perfil de outra, vai poder visualizar apenas alguns aspectos. Quando reflete sobre o perfil de Odilon, Moacir contou que destaca os aspectos como indivíduo, como intelectual, como político e também como empresário.

“Como indivíduo, ele tinha todas as pré-condições exigidas de um diplomata. Como intelectual, era um extraordinário performer, um pensador, e aí poderia escrever ou não. O Odilon político era um exímio articulador, até porque pensava sempre antes de falar. Era um incomparável mestre na arte do diálogo. A capacidade dialógica dele foi tão grande que ele foi um político maior fora da Paraíba do que no Estado”.

Ele acrescentou que, como pessoa, o paraibano especializou-se em desenvolver rotas que possibilitassem aproximar os indivíduos e não conflitar as ideias. Era cultor de uma espécie de humanismo pós-moderno. “Isso significa um humanismo sem espasmos, que comporta universalidades perceptivas, ou seja, formas diferentes de se perceber a realidade.”

Na esfera política, Moacir frisou que o amigo acreditava na “desprovincialização” das metodologias políticas e na “deslitoralização” das soluções políticas. A primeira diz respeito à renovação dos quadros dos partidos. A possibilidade de não continuar com a mente enraizada nas oligarquias de cada estado.

Já a “deslitoralização” trata da democratização do olhar dos parlamentares e governos, que quase sempre visam melhorias para quem está no centro, esquecendo o que é periférico. “Eu vi Odilon dizer, várias vezes, que as reuniões são quase sempre na capital, porém, as soluções da capital não servem para as populações que não estão nela. Ele entendia que era necessária uma cartografia de procedimentos para o partido de tal maneira que aproximasse os centros menos desenvolvidos para os centros mais desenvolvidos. Então, eu chamo isso de deslitoralização das soluções políticas”, frisou.

Outra reflexão que o sociólogo fez foi sobre a atribuição de intelectual, que Odilon comumente recebe. Para Moacir, a interpretação do termo precisa ser vista sob um olhar amplo, como a de um verdadeiro “pensador”, um “produtor de ideias originais”. “Odilon era um intelectual no sentido tanslo do ser, portanto, um pensador e não um replicador de ideias já cansadas. Nessa perspectiva de intelectual, ele esteve muito próximo das academias, das sociedades literárias, da própria Fundação Joaquim Nabuco, onde foi membro do comitê diretor da fundação, do Instituto Histórico e Geográfico, entre outras entidades”, destacou o sociólogo.

“E isso me leva a crer que, no dia que se fizer uma história da inteligência paraibana, a exemplo do que Wilson Martins fez com a História da Inteligência Brasileira, ele terá, certamente, uma posição de vanguarda, devido a uma refinada capacidade de pensar”, concluiu.

Por fim, no contexto empresarial, os afazeres como empreendedor do ramo sucroalcooleiro, na Usina São João, não teriam interferido nos demais talentos, nem na retidão da postura do santarritense. Para Moacir, “Odilon era de uma natureza delicada, que convivia com o profano - representada pela atividade empresarial e comercial, mas que tinha um sentimento de humanismo muito forte.”

Citando um verso da música ‘Canção da América’, de Milton Nascimento e Fernando Brant, o sociólogo fez

um paralelo sobre a representatividade de Odilon, cuja existência será perene na memória dos amigos que o acompanharam ao longo da jornada. “Diz o cancionero popular: ‘Amigo é coisa para se guardar, do lado esquerdo do peito’, e é nesse território do invisível panorâmica e íntimo do coração de cada um, que os amigos de Odilon, como eu, o preservam. De que forma? Exatamente no reconhecimento e na proclamação do seu legado”, frisou.

Moacir Carneiro acrescentou que nas comemorações dos 100 anos de nascimento do intelectual “cabe, não apenas, registrar um centenário, mas reabrir o relicário do seu legado”. “E reencontrar tudo aquilo que ele foi e, de tão transcendente sob o ponto de vista das docas do tempo, continua sendo”.

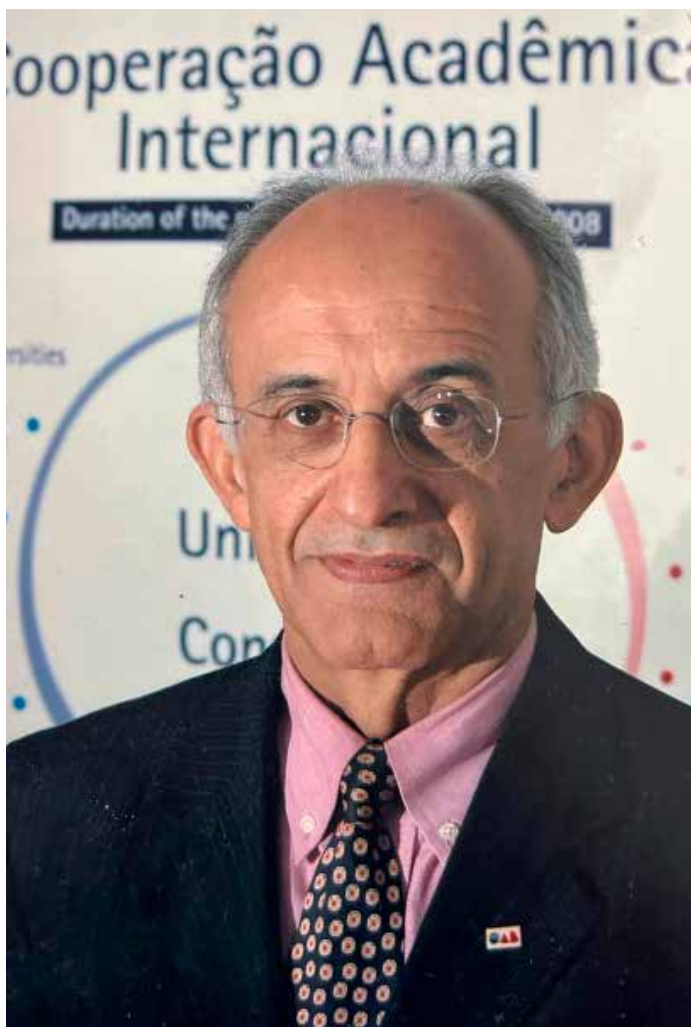


FOTO: ACERVO PESSOAL

Moacir Carneiro reflete sobre o amigo Odilon: “Ele tinha todas as pré-condições exigidas de um diplomata; como intelectual, era um extraordinário performer, um pensador”



O casal Odilon e Solange Ribeiro Coutinho foi padrinho de casamento de Maria Christina, filha de José Lins do Rego: "Odilon adorava artes. Ajudou muito Cícero Dias"

**"O apreço
que existia
entre José
Lins do Rego
e Odilon
Ribeiro
Coutinho era
inegável"**

Mesmo estando inserido no universo político e empresarial, Odilon Ribeiro Coutinho nunca deixou de relacionar-se com intelectuais contemporâneos. Algumas amizades eram de bastante proximidade, a exemplo do escritor José Lins do Rego. Os dois chegaram a assistir jogos de futebol juntos, no Rio de Janeiro.

"As amizades dele iam de Jorge Amado e Gilberto Freyre a José Serra e Geraldo Alkmin. Ele também foi amigo de José Lins do Rego. Os dois chegaram a comprar uma cadeira no Maracanã, para assistirem aos jogos juntos. Era uma amizade no meio intelectual que poucos tinham na Paraíba", acrescentou o radialista e assessor político, Maurílio Batista.

Mesmo estando um pouco indisposta, a filha de José Lins do Rego, a escritora Maria Christina Lins do Rego Veras, 90 anos, residente no Rio de Janeiro, falou ao **Correio das Artes**. Nas primeiras palavras ao telefone, ela perguntou por Solange Veloso Borges Ribeiro Coutinho, esposa já falecida de Odilon Ribeiro Coutinho. Ao saber do falecimento, lamentou a perda. "Ela já morreu? Uma pena."

Segundo Maria Christina, Solange era conhecida "por ser uma mãe maravilhosa" e, juntamente com o

marido, foram padrinhos de casamento dela. "Eles foram meus padrinhos de casamento. Solange era uma moça linda e encantadora. Ela acompanhava muito seu marido em todas as viagens, conheciam muitos museus por onde passavam", comentou.

Em seguida, a escritora deixou seu depoimento sobre o amigo da família. "Odilon era uma pessoa inteligentíssima, adorava artes. Ajudou muito Cícero Dias (artista visual, 1907-2003). Quando ia ver exposições, ele comprava quadros abstratos, numa época em que ninguém gostava, nem entendia os quadros abstratos".

Segundo ela, o apreço que existia entre José Lins do Rego e Odilon era inegável. "Odilon gostava muito de papai, era um intelectual, gostava muito de ler. Ficou deslumbrado quando chegou no Rio de Janeiro e viu todos aqueles intelectuais. Se aproximou muito de Thiago de Mello (1926-2022). Eles almoçavam sempre juntos e eram muito amigos do meu pai", declarou Maria Christina.

O curioso é que José Lins do Rego nasceu em 1901 e Odilon em 1923, ou seja, era uma diferença de mais de 20 anos. O mesmo ocorreu com Pablo Picasso (1881-1973) a quem admirava, bem como Gilberto Freyre (1900-1987). Mas, detalhes cronológicos não eram empecilhos para mentes que compartilhavam afinidades. "Ele perdeu o pai muito cedo e acabou se ligando à figuras da área cultural que eram mais velhas do que ele, como José Lins do Rego e Gilberto Freyre. Com isso, desenvolveu uma ligação muito forte na área literária e artística, sem perder a sua atividade empresarial", afirmou um dos filhos de Odilon, Eduardo Ribeiro Coutinho.

De acordo com ele, o pai circulou muito entre a Paraíba, Pernambuco e o Rio Grande do Norte, e sempre manteve um viés forte com a cultura. Teve, inclusive, uma grande conexão com o movimento Modernista, sendo apreciador da arte, sobretudo a de Pablo Picasso, pintor com quem manteve contato durante certo período.

Homem de vasto conhecimento sobre o mundo, sobretudo sob a ótica sociológica, política e econômica, o legado de Odilon está também na forma de pensar e enxergar o mundo. "O que ele deixa de legado para nós é um grau de comprometimento muito grande com o Brasil, com o Nordeste, com a Paraíba, enfim, com o desenvolvimento da nossa região, e com a capacidade de entender

as características econômicas, sociais e culturais”, destacou Eduardo.

Sobre a proximidade com o sociólogo, antropólogo, ensaísta, pintor e escritor Gilberto Freyre, é unânime entre amigos e familiares a proximidade entre os dois. O neto de Freyre, compadre de Odilon, reafirmou esse forte vínculo entre as duas famílias: “Odilon Ribeiro Coutinho era um dos grandes amigos de Gilberto e chegou a ser meu padrinho de casamento. A amizade e a fraternidade entre as famílias é tão grande que as novas gerações herdaram esse carinho e essa atenção”, afirmou Gilberto Freyre Neto, que é consultor de empresas na área de gestão e de relações internacionais e diplomáticas.

Vale lembrar que Odilon batizou um dos filhos – Gilberto Ribeiro Coutinho Filho, com o nome do escritor. Havia ainda um terceiro membro da prole, Odilon Ribeiro Coutinho Filho, mas este faleceu em 2019.

Freyre Neto contou que Odilon, o avô e o bibliotecário pernambucano Edson Nery da Fonseca eram grandes amigos e estavam sempre mantendo contato. “Essa era uma tríade de luxo, não apenas em termos de amizade, mas de conhecimento, sobre a vida de Gilberto e sobre a história do açúcar. Os três foram grandes pensadores e tanto Odilon quanto Edson eram pessoas importantíssimas para Gilberto Freyre”, frisou Neto.

Segundo ele, o intelectual paraibano foi o criador da Fundação Gilberto Freyre e, por muito tempo, foi membro do conselho diretor da entidade. Fortaleceu a instituição, aproximando ainda mais os laços com a família Freyre. “Ele é uma peça muito importante para a gente, e durante vários anos foi aquela reserva moral da instituição. Quando a família precisou de uma figura próxima a Gilberto para fortalecer, no início, a fundação, Odilon fez todas as dinâmicas que garantem a ela a estatura que tem atualmente. Convivi muito com Odilon, porque eu trabalhei na Fundação e até o ano da morte dele eu era parte da equipe”.

Sobre o legado de Odilon, Gilberto Freyre Neto frisou que ele era um homem de muitos princípios e “amigo de seus amigos”. “Isso tem um valor enorme para uma pessoa que tem um coração gigante e uma inteligência do tamanho do coração. Ele tinha um profundo amor à literatura, e financiou obras de grandes artistas pernambuca-



FOTO: ARQUIVO PESSOAL

Gilberto Freyre Neto, compadre de Odilon, lembra que o paraibano criou a fundação dedicada ao avô sociólogo

nos, paraibanos, enfim, nordestinos”.

Neto contou que, como o empresário e intelectual paraibano tinha mais posses do que a maioria dos artistas que ele conviveu, não era difícil agir como um verdadeiro adito cultural, incentivando gerações de literários e artistas a levarem adiante seus sonhos. “E a gente via em Odilon todo o gesto, toda uma defesa dessa iniciativa que faz com que essa seja uma geração de ouro. Ele tinha uma relação com uma diversidade de instituições Brasil afora. A gente via essa dedicação à causa da Cultura, como algo primordial na vida dele. Então, é um legado extraordinário

que muita gente não sabe, pois ele fazia gestos gigantescos, sem que ninguém percebesse”, afirmou Gilberto.

O escritor, jornalista, historiador e editor, Evandro da Nóbrega, também afirmou que, além de todas as funções que assumiu ao longo da vida, Odilon Ribeiro Coutinho era um mecenas, ajudando jovens autores e muitos artistas plásticos. De acordo com ele, a sensibilidade de colecionador do intelectual, enxergava de longe e instantaneamente o talento dos mais “bafejados pelos dons das artes”.

O próprio Evandro é testemunha dessas contribuições culturais do amigo. “Certa vez, sabendo que eu estava escrevendo uma biografia de Assis Chateaubriand para os Diários Associados, ele me presenteou com um raríssimo exemplar da primeira edição de uma obra do Grande Capitão, *A Alemanha* (Tipografia do Anuário do Brasil/Almanak Laemmert, Rio de Janeiro, 1921)”.

Evandro contou, que nesse livro-reportagem, “o fundador dos Diários Associados alertava candentemente o mundo, bem antes de Churchill: as extremas sanções do Tratado de Versalhes contra a Alemanha, derrotada na Primeira Grande Guerra, criaria sérios e insolúveis problemas de ressentimento entre o povo e os dirigentes tedescos. O que de fato ocorreu, culminando com o surgimento da medonha figura de Hitler”.



FOTO: ARQUIVO PESSOAL

Para Eduardo Ribeiro Coutinho, filho de Odilon, o pai sempre teve uma ligação muito forte com a cultura: “Teve, inclusive, uma grande conexão com o Modernismo”



FOTO: ACERVO FUNDAÇÃO GILBERTO FREIRE

Odilon Ribeiro Coutinho, Gilberto Freyre e o bibliotecário pernambucano Edson Nery, em 1984: tríade de luxo

Clube 604

Clube 604. Assim foi nomeada a reunião informal “lítero-recreativa” que Odilon Ribeiro Coutinho mantinha, periodicamente, com um grupo seleto de amigos. Os integrantes dessa espécie de confraria compartilhavam talentos culturais e artísticos, bem como a empatia mútua que gerava agradáveis conversas noite afora.

Participavam do Clube 604 Odilon Ribeiro Coutinho, a escritora e crítica literária Ângela Bezerra de Castro, o crítico cinematográfico João Batista de Brito (a quem Odilon só chamava “JBB”); o psiquiatra Marcos Peixoto Wanderley e sua esposa, Maria Ângela (Mallanja) Sitônio Wanderley, ex-diretora do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA) da UFPB e, obviamente, Evandro da Nóbrega.

Antes de detalhar essa passagem na trajetória do intelectual santarritense, vale logo esclarecer: por que Clube 604? Segundo Evandro, 604 era o número de um dos pratos servido num restaurante da orla de João Pessoa – o Gulliver, cuja iguaria, repleta de frutos do mar, era a preferida do grupo. Entre as trocas de

Os integrantes dessa espécie de confraria compartilhavam talentos culturais e artísticos

ideias, o prato era saboreado, sempre acompanhado por um bom vinho.

“O primeiro encontro dessa turma ocorreu numa noite de início da década de 1990, no Restaurante Gulliver, em Tambaú; e calhou isso, algo ironicamente: todos os seis membros do novel sodalício escolheram, preferiram o mesmíssimo prato — uma deliciosa combinação de frutos do mar com legumes e verduras, que, no cardápio, levava o número 604”, contou Evandro.

Ele revelou que, certa vez, numa das sessões do clube, Odilon, cujas reuniões jamais faltava, deu uma autêntica aula, de mais de duas horas, apenas sobre a chamada “fase azul” (ou “período azul”, de 1901 a 1904) da carreira de Picasso, quando predominou essa gama cromática nos trabalhos do grande artista. “Odilon, a propósito, era no Brasil o maior ‘connoisseur’ e o maior colecionador de trabalhos do genial artista plástico - pintor, escultor, poeta, dramaturgo gravador, impressor, cenógrafo, ceramista, Pablo Picasso (1881-1973). Ele o conheceu em Paris, e com cujo secretário particular manteve amizade de vida inteira”, disse Evandro.

Além do Clube 604, Evandro e Odilon estiveram juntos, acompanhados de outros companheiros, do Clube do Gourmet da Paraíba e do Clube dos Amigos do Vinho de João Pessoa. “Mas a sociedade de ‘lítero-recreativa’, a cujos encontros jamais Odilon faltou, foi, justamente, o Clube 604, de que pouquíssimos participavam, não por qualquer laivo elitista, mas pela coincidência de nossos gostos intelectivos”, contou Evandro.

Adeus repentino

O escritor, jornalista, historiador e editor Evandro da Nóbrega conheceu Odilon Ribeiro Coutinho numa missão profissional, quando era secretário de Redação do jornal O Norte, na década de 1970, e cumpriu a tarefa de entrevistá-lo. No dia e hora marcada, o jornalista foi até a mansão de Odilon, situada na avenida João Machado, em Jaguaribe, e lá foi “muito bem recebido pelo superamável dono da casa”.

Antes do diálogo, porém, o empresário e intelectual paraibano precisou abrir dois caixões de madeira que estavam as vistas do jornalista. Em um deles, estavam queijos e vinhos vindos da França, e no outra, proveniente da Inglaterra, havia livros e muitas garrafas de uísque escocês de um só tipo de malte, sem qualquer “blend”. “Dentre os vários livros britânicos, divisei a primeira edição de *Mary, Queen of Scots*, da historiadora Antonia Fraser”, disse Evandro.

Passado o ato de abertura dos caixões, os quais foram desprendidos pelo próprio Odilon que manejava um pé de cabra, os dois foram conversar. A entrevista foi regada a vinho e scotch. “Como ele viu meus olhos brilhando ante as obras inglesas, tornamo-nos ‘amigos para sempre’, não obstante a diferença de 23 anos entre nós — o que, claro, nunca foi problema. Ele era como

um irmão mais velho, um conselheiro experiente.”

Tamanha proximidade fez com que o escritor e jornalista conhecesse minúcias de diferentes momentos da vida do intelectual, inclusive da morte dele, no dia 7 de julho de 2000, no Rio de Janeiro. “Na noite da sexta-feira anterior a seu falecimento, Odilon foi comigo ao restaurante do Hotel Hardman, na praia de Manaíra, em João Pessoa. Nessa noite, ele não quis sorver nem mesmo uma taça de vinho, pois estava fortemente gripado. Apenas jantou, sem demonstrar sua energia costumeira e me anunciou que, mesmo quase febril com a gripe, viajaria no dia seguinte ao Rio de Janeiro”, contou Evandro.

Ao perceber que o amigo estava com um ar abatido, ele implorou para que Odilon não viajasse, mas de nada adiantou. “O que eu não sabia - e somente soube após seu passamento, era o seguinte: a espécie de marca-passo coronário que ele usava desde os procedimentos médicos a que se submetera, seguidamente, há vários anos, nos Estados Unidos, estava eletronicamente, tecnologicamente ligado por satélite à clínica americana da equipe de seus cardiologistas. Ele tinha, obrigatoriamente, que fazer periódicas revisões e manutenções nesse equipamento, precisando, para isso, viajar aos EUA de tempos em tempos. No entanto, aparentemente, descuidara-se, atrasara-se, por causa de suas inúmeras atividades”.

Estando no Rio de Janeiro, uma forte onda de frio se abateu sobre o Sudeste naqueles dias de julho de 2000, atingindo a véspera da morte do intelectual

paraibano. No dia da morte, Evandro contou que Odilon Ribeiro Coutinho estava ao telefone, falando com sua secretária particular, que estava em João Pessoa. Enquanto isso, a esposa dele, Solange, o observava de um sofá próximo, enquanto folheava uma revista.

“De repente, o intelectual soltou o telefone, interrompendo a comunicação com a secretária, e caiu. Aflita, Solange correu para ele, que não mais se levantou do chão. Momentos depois, o telefone tocou - mas não era a secretária pessoense; era da clínica americana, cujos especialistas, quase imediatamente, via satélite, haviam detectado o problema, por falta de manutenção ou algo que o valha, com o moderníssimo marca-passo implantado no coração de Odilon. Um coração de apenas 76 anos de idade, que parara para sempre”, declarou.

Evandro afirmou que o corpo do paraibano foi trazido para a capital paraibana, velado na Academia Paraibana de Letras (APL) e sepultado no Cemitério Senhor da Boa Sentença. “Nunca vi tanta gente chorando tão desconsoladamente. De imediato, jornais e outros meios de comunicação, de Norte a Sul, de Leste a Oeste, começaram a divulgar o pesar de intelectuais, artistas, empresários, políticos, familiares, amigos, admiradores e pessoas simples do povo”.

Evandro da Nóbrega (à dir.) em meio a uma reunião do Clube 604, junto à Odilon, Marcos Peixoto Wanderley, João Batista de Brito e Maria Ângela Sitônio Wanderley (da esq. para dir.): “Ele era como um irmão mais velho”, afirma o jornalista



FOTO: ACERVO EVANDRO DA NÓBREGA

Homenagens para marcar o centenário de nascimento

Apesar de ser amante dos livros e gostar de escrever, Odilon Ribeiro Coutinho não tem muitas obras publicadas. Segundo o jornalista, historiador, escritor e editor Evandro da Nóbrega, ele “não escrevia propriamente para publicar livros, mas para levar seu pensamento, por escrito ou vocalizado, às comunidades local, estadual, regional, nacional e até aos amigos mundo afora”.

Tal afirmação faz sentido, já que é comum, nas vozes de amigos e familiares, que ele era um orador nato, e que deixara guardado muitos de seus escritos. O legado do paraibano, seja em forma de memórias, ensinamentos, incentivos culturais ou registrado por escrito, tem sido ressaltado nesse centenário de nascimento. A data - 12 de julho - tem sido marcada por uma série de ações culturais, como seminários, conferências e até lançamento de livro, boa parte dessa agenda ainda irá ocorrer, tanto na Paraíba como em outros estados.

O presidente da Academia Paraibana de Letras (APL), Ramalho Leite, afirmou que haverá uma sessão solene para homenagear seis imortais da entidade, que também estariam completando 100 anos de vida este ano. Além de Odilon Ribeiro Coutinho (cadeira 35), estão nessa lista os acadêmicos Joacil de Brito Pereira (cadeira 17); Milton Ferreira de Paiva (cadeira 28); Carlos Augusto Romero (cadeira 27); Waldemar Bispo Duarte (cadeira 1) e José Gláucio Veiga (cadeira 13).

“A sessão solene em homenagem aos imortais, que completariam cem anos, ainda está em gestação. Estará incluída também a programação dos 82 anos de existência da APL, que começa no dia 30 de agosto e vai até 14 de setembro, com uma palestra do escritor Laurentino Gomes e o lançamento do terceiro tomo de *Escravidão* (último volume da trilogia) no dia 30 de agosto”, disse Ramalho.

Ele acrescentou que, na ocasião,

Laurentino Gomes, membro da Academia Paranaense de Letras, receberá o diploma de sócio honorário da APL. “Essa programação de aniversário da APL deve prosseguir até 14 de setembro, quando pretendemos realizar a homenagem ao centenário dos seis acadêmicos”, concluiu Ramalho.

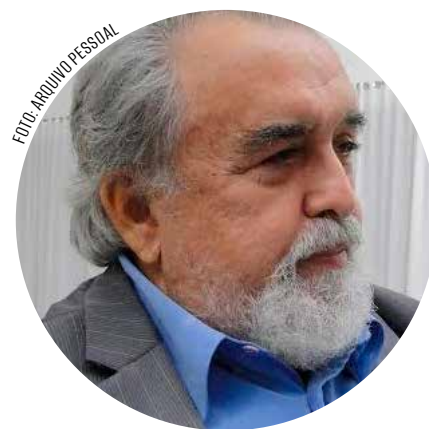
A professora e crítica literária, Ângela Bezerra de Castro, integrante da APL, organizou um conjunto de escritos que Odilon acumulara ao longo do tempo. O material vai estar contido no livro *José Lins do Rego, Perda e Reparação e Outros Ensaios*.

“Esse livro reúne os ensaios literários de Odilon. Ele já está pronto há algum tempo e tem o prefácio do poeta Thiago de Mello. Deve ser publicado neste ano do centenário. Mas não há, ainda, previsão do lançamento”, afirmou a professora.

Outra obra comemorativa está sendo elaborada para comemorar o centenário de nascimento do paraibano, mas essa será um livro-álbum biobibliográfico, organizado a quatro mãos, com participação de Ângela Bezerra e o escritor, editor e jornalista Evandro da Nóbrega.

Além dos livros, uma série de eventos deve ser realizado ao longo do ano para lembrar a vida e a obra de Odilon Ribeiro Coutinho. De acordo com o filho dele, Eduardo Ribeiro Coutinho, a família está organizando uma vasta programação que deverá se estender por meses. Os eventos estão sendo programados, juntamente, com algumas entidades como a Fundação Joaquim Nabuco, Academia Paraibana de Letras, a Fundação Gilberto Freyre, a Academia Norte-Riograndense de Letras, a Academia Caramirensense de Letras e Artes, entre outras.

“Serão seminários e conferências organizados com diversas entidades. Vamos, juntamente com elas, as quais ele participou, seja em Pernambuco, na Paraíba ou no Rio Grande do Norte, elaborar um conjunto de eventos para



Evandro da Nóbrega (no alto) e Ângela Bezerra de Castro (no meio) trabalham em um livro-álbum bibliográfico de Odilon Ribeiro Coutinho; Ramalho Leite (acima) detalha as homenagens que a APL irá prestar

falar não só da vida dele, mas de temas que o preocupavam. Pretendemos dar uma atualizada geral sobre diversos assuntos que envolvem aspectos culturais, econômicos e políticos”, declarou o empresário Eduardo.

Legado que ultrapassa fronteiras

Além de ser um grande conferencista, escritor, articulador cultural e mecenas, o legado de Odilon Ribeiro Coutinho já ultrapassou as fronteiras do Brasil. Segundo Evandro da Nóbrega, as obras do paraibano são conhecidas na América do Norte e até em outros continentes. “Suas obras estão em bibliotecas como a do Congresso americano (Washington), a Nacional da Holanda (Amsterdã), entre muitos outros endereços culturais do ecúmeno”, frisou.

Ele acrescentou que está pesquisando um fato curioso que remete ao paraibano. “Vou concluir minha pesquisa sobre como é que a versão, em língua árabe do Egito, (vale dizer, o dialeto egípcio da moderna língua árabe padrão) da Wikipedia, a mais conhecida enciclopédia livre da Internet, publicou (pasmem!) um verbete bem informativo sobre o próprio doutor Odilon, cujo nome, lá, em carac-

teres arábicos ou abjad, grafou-se como وهنري توك وري بي ر نولي دوا (Audilún Riybiyru Kutiy’n’u)”.

Evandro enfocou que nem todos os estudiosos conhecem a extensão do legado do Odilon Ribeiro Coutinho, que foi dono de uma rádio na Paraíba, a Rádio Cidade FM, comprou um prédio na Rua Duque de Caxias, em João Pessoa, somente para preservá-lo dentro das regras do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba (Iphaep), e ainda foi sócio de uma editora brasileira chamada “Philobiblion”, termo que, em grego, significa “amigo dos livros”.

Segundo Evandro, a editora Philobiblion se viu assim batizada em homenagem à homônima obra inglesa. “Pela editora brasileira Philobiblion, por exemplo, foram publicados, entre outros, os livros *Manaus: Amor e Memória*

(1984) e *Num Campo de Margaridas* (1986), de um grande amigo de Odilon, o poeta Thiago de Mello”, declarou.

Ele contou que, certa vez, entrevistando outro grande amigo de Odilon, o bibliotecário-mor do país, Edson Nery da Fonseca, Nery lhe chamou a atenção para os dotes de Odilon, “como bibliófilo, bibliólogo, biblióvoro e até, por uns tempos, coproprietário de uma editora, a Philobiblion, que só publicava textos de alta qualidade”.

A memória do intelectual paraibano ainda está em acervos culturais que levam seu nome como o Centro de Educação Profissional Odilon Ribeiro Coutinho, do Senai, e a Biblioteca Sociólogo Odilon Ribeiro Coutinho, do Tribunal Regional do Trabalho da 13ª Região, na Paraíba. Contrário às práticas da ditadura do Brasil, Evandro contou que Odilon foi preso, mais de uma vez, durante o regime de repressão.

E, mesmo assim, foi convidado por comandantes militares do Nordeste para fazer conferências nos quartéis, abordando temas históricos como os eventos que culminaram com a Batalha dos Guararapes, em Pernambuco.

Algumas considerações

Natural do município paraibano de Santa Rita, Odilon Ribeiro Coutinho nasceu no dia 12 de julho de 1923 no antigo Engenho Central, atual Usina São João, cujos donos eram seus pais: João Úrsulo Ribeiro Coutinho e Helena Pessoa Ribeiro Coutinho. Essa foi a primeira usina de cana-de-açúcar a ser implantada na várzea do Paraíba, em 1888.

Ao patrimônio dos Ribeiro Coutinho foi integrada a Usina Santa Helena, na região rural de Sapé, antes denominada de Engenho Pau d’Arco, onde morou o poeta Augusto dos Anjos (1884-1914). Foi nesse ambiental rural e canavieiro que Odilon viveu parte da vida e, mais tarde, foi gerir os negócios da família. Respeitador da memória cultural e literária, sempre preservou o pé de tamarindo existente no engenho, árvore apreciada por Augusto dos Anjos.

Os estudos foram feitos no Colégio Diocesano Pio X, de João Pessoa; no Ginásio de São Bento, em São Paulo, bacharelando-se em Direito pela Faculdade do Recife. Casou-se com Solange Veloso Borges Ribeiro Coutinho, com quem teve os filhos Odilon, Eduardo e Gilberto. Atualmente, apenas Eduardo



Usina São João na década de 1990: primeira usina de cana-de-açúcar a ser implantada na várzea do Paraíba, em 1888

e Gilberto estão vivos.

Engajou-se na política e afastou-se da Paraíba para atuar no Rio Grande do Norte, onde foi eleito deputado federal. Retornando à Paraíba, candidatou-se à câmara federal pelo PSDB, mas não obteve êxito nas urnas. Continuou na militância do PSDB, do qual foi presidente na Paraíba.

Sua bibliografia completa não é co-

nhecida, já que sempre cultivou o hábito de escrever, porém, sem interesse de publicar seus trabalhos. A professora, escritora e crítica literária, Ângela Bezerra de Castro, pesquisou e reuniu certo

volume de escritos de Odilon e os divulgou na Revista nº 16, da Academia Paraibana de Letras (APL). Tornou-se integrante da APL em 22 de julho de 1994.

Odilon Ribeiro Coutinho faleceu no dia em que completou 77 anos, em 12 de julho de 2000, durante período de viagem que passara no Rio de Janeiro. O corpo foi enterrado em João Pessoa, no Cemitério Senhor da Boa Sentença.

Alexsandra Tavares é jornalista, repórter do Jornal A União e do Correio das Artes. Vive e trabalha em João Pessoa (PB).

Odilon, a condição humana cultivada

Ângela Bezerra de Castro
Especial para o *Correio das Artes*

Das cinco perguntas, a primeira é tão abrangente e desafiadora que, nela, todas estão contidas. Assumo a ousadia de responder: “Quem foi Odilon como pessoa, como homem? Qual sua filosofia de vida? Que valores ele defendia?”

Partirei de uma indagação: Por que Odilon tinha o dom de encantar pessoas com características tão diversificadas? Ou, em outras palavras, o que fazia de Odilon um ser tão especial?

Fiz esta pergunta a minha amiga Solange e ela respondeu, quase de imediato, que era a alegria de viver, o encanto maior de seu amado Odilon.

Atitude muito rara entre as pessoas, a alegria de viver nele se concretizava através de um otimismo inabalável, mesmo diante de situações que parecessem a outros, de grande dificuldade. O entusiasmo pela vida também alimentava o bom humor permanente que emanava de sua forte presença, jamais rendida à fatalidade do tempo.

Os cabelos podiam ser brancos, mas os projetos eram de vida; os sonhos incluíam a expectativa do futuro. E essa projeção no tempo talvez guardasse o segredo da extraordinária jovialidade, particularmente refletida no riso brejeiro que se arquetava entre a expressão dos lábios e a significação do olhar.

Na forma personalíssima de viver, Odilon parecia atemporal, como se pudesse dispor, simultaneamente, do fascínio de todas as idades. Nele se invertia o aforismo: a mocidade sabia e a velhice podia.

Existe a tendência de concluir, superficialmente, que tal disposição diante da vida é um dom natural. Que a alegria de viver nasce com o indivíduo, como a beleza ou outro atributo de origem.

Mas não é verdade esta conclusão. A



FOTO: ARQUIVO A UNIÃO

Odilon Ribeiro Coutinho (E) com o poeta
amazonense Thiago de Mello (D)

atitude perante a vida, conforme o ensinamento da filosofia, é uma orientação seletiva e ativa do homem, um projeto de opções e de comportamento.

Portanto, um ser excepcional não é fruto do acaso, mas uma construção consciente. Resulta da condição humana cultivada, “como um jardim se tira de terra”.

Sabemos que Odilon nasceu rico e capaz. Circunstâncias favoráveis, às vezes reduzidas a nada, por muitos exemplos que todos conhecemos. No entanto, ele dirigiu essas condições favoráveis para o aprimoramento de suas potencialidades. Colocou o ter a serviço do ser, deixando claro que o essencial era ser sábio, compreender-se, para compreender melhor os homens, o mundo e seus complexos mecanismos.

Poderia ser sido apenas um multiplicador de bens materiais. O construtor de um império econômico que todos chamassem de bem sucedido.

Mas quem conhece Odilon sabe que o seu reino não era deste mundo. Desde cedo prevaleceu para ele a ordem de valores onde a inteligência e a sensibilidade se destacavam como opções prioritárias. Nada em sua vida que não passasse pela inteligência e pela

sensibilidade. Daí a visão-de-mundo singular, incomum, surpreendente e muitas vezes incompreendida, por não corresponder aos restritivos chavões maniqueístas.

Não faço o elogio de um amigo, mas a análise de uma destacada individualidade, com fundamento na observação que a convivência e a amizade me propiciaram, no perfil traçado pela pluralidade de conceitos dos que escreveram sobre ele e nos artigos, discursos, conferências e ensaios deixados por Odilon, onde se expõem os temas de sua predileção e se revela a sua dimensão de escritor.

É suficiente rememorar as preferências, as amizades, os grandes gestos de Odilon para concluir que neste depoimento não se sobrepõe a subjetividade, o afeto que poderia ampliar as proporções.

A família do espírito, como se se costumam denominar as amizades, ele encontrou entre escritores ou artistas. Relações de intensa reciprocidade cultivadas pela vida inteira, a exemplo de Gilberto Freyre, Manuel Bandeira, José Lins do Rego, Thiago de Mello,

Portinari somente para citar alguns dos nomes mais ilustres.

Ainda muito jovem, conquistou o Recife através de um dos seus belos gestos. Escolhido como líder estudantil de grande destaque para disputar uma vaga de deputado constituinte, Odilon se fez substituir por Gilberto Freyre, alegando a qualificação do mestre a quem tanto admirava. Ganhou o cognome de Príncipe, em referência ao despreendimento e à nobreza desta atitude.

Certa vez, sentiu falta de Manuel Bandeira no Recife. Mandou esculpir por Celso Antônio o busto do poeta e ofereceu de presente ao Estado de Pernambuco.

Quando o pé de Tamarindo de Augusto dos Anjos perigava morrer, tendo carcomida a base do seu tronco, ele trouxe o agrônomo Estêvão Strauss para curar aquela ferida. Por esta iniciativa é que ainda existe a árvore em cuja sombra se abriga, simbolicamente, a sombra do poeta.

Assim era Odilon, na devoção aos valores que julgava supremos.

Nada é mais definidor da personalidade que o refúgio da morada. Pois

a casa de Odilon e Solange era uma galeria de arte. Um santuário da beleza, da inteligência e da sensibilidade. Quadros, esculturas, lembranças antigas e livros, em vez do luxo ostensivo e vazio. Na biblioteca de trinta mil volumes, o tesouro de Odilon e também o seu coração, segundo a lição do evangelho: “Onde está o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração”.

Há os que sonham com iates, jatos supersônicos, ilhas da fantasia ... E encontram nestes símbolos o limite de suas conquistas, o motivo de suas desfiguradas alegrias.

Odilon sonhava com livros. Esta é a medida de sua grandeza. Porque um homem se revela, antes de tudo, pela matéria dos seus sonhos e pela qualidade das suas alegrias.

Ângela Bezerra de Castro é professora, escritora, crítica literária e integrante da Academia Paraibana de Letras (APL). Mora em João Pessoa (PB).

Presença de Odilon

Frutuoso Chaves

Especial para o *Correio das Artes*

Escapei no domingo, quando o sol, no ponto mais baixo do horizonte, metade da cara fora do mar, mal espreitava o mundo. Onde estacionei, à beira do calçadão, ele pouco via, além de mim, numa Manaíra deserta.

Ali, naquele instante, a movimentação maior provinha das folhas dos coqueiros sopradas por ventos tão indecisos quanto eu e, quem sabe, quanto os ocupantes dos três carros que por mim passaram em marcha lenta, um após outro, em intervalos de poucos minutos. Apesar de saber de obrigações e compromissos em qualquer horário, eu sempre imagino que somos todos errantes às 5 horas da manhã.

Máscara a postos, álcool no tanque e nas mãos, saí dali em direção ao centro da



FOTO: ARQUIVO AUNÍAO

Odilon gostaria de ter reconstruído duas capelas advindas do fim do período da invasão holandesa, mas desistiu da empreitada

cidade igualmente vazio. E isso me agradava, porquanto não pretendia parar nem falar com alguém que, porventura, eu conhecesse. Pássaro liberto, fugido de uma gaiola, era como eu me sentia.

Cheguei ao pátio da Capela do Socorro uns 40 minutos depois de haver resolvido

**Olhei aquilo tudo
e senti, ao ponto
do arrepio, a
presença de
Odilon Ribeiro
Coutinho**

esticar o percurso, assim, de improviso. Ali, também, nenhuma viva alma, no que pese o hábito de madrugar dos que vivem no campo. Brisa fresca e leve, folhas ainda orvalhadas, o Cruzeiro com seus traços coloniais e a igrejinha caiada, telhas e piso avermelhados, como se recém-construída.

Olhei aquilo tudo e senti, ao ponto do arrepio, a presença de Odilon Ribeiro Coutinho. Era coisa que ia além da mera lembrança. Era algo mais incisivo, o que incomodava o sujeito sem muitos credos nem profissão de fé que eu, lastimavelmente, sou. Mas, pensando bem, não poderia ser outro, nem menor, o meu sentimento, a sensação tão fortemente manifesta, a percepção inquietante daquela presença. Afinal, fora por conta dessa e de outra capela, a da Batalha, que eu conhecera Odilon.

Cheguei até ele, em data da qual não lembro com a precisão do dia e do mês, a fim de cumprir pauta distribuída pelo editor Josélio Gondim. A entrevista renderia, na semana seguinte, a matéria de capa da revista *A Carta*, a que dei o título “Íntimo dos Santos”.

Odilon havia decidido reconstruir as duas capelas advindas do fim do período da invasão holandesa com desembolso pessoal. Desistiu da empreitada, pouco tempo depois da entrevista, ao saber que isso lhe custaria os olhos da cara numa época de vacas magras para as usinas de açúcar, a sua, inclusive. Além do mais, prestígio pessoal era o que não lhe faltava. Meses depois da ideia, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional veio em seu socorro. No dele e, evidentemente, da memória e da história da Paraíba e sua gente.

Facilitou os entendimentos o fato de Humberto Lucena, paraibano de quatro costados, presidir o Congresso Nacional. Tanto é o que o Iphan também acudia, quase no mesmo momento, a antiga Casa de Câmara e Cadeia de Pilar, ambiente que recebeu Dom Pedro II. O Rio Paraíba, numa de suas maiores enchentes, havia derrubado um pedaço da fachada desse prédio, levado ruas inteiras de Cruz do Espírito Santo, os canaviais de Santa Rita e deixado metade da nave da Capela da Batalha em suspensão, a três metros do leito, depois que as águas baixaram. Também não lembro quanto tempo durou o processo das restaurações. Mas foram feitas.

Hoje, as duas capelinhas erguem-se como testemunhas vivas da história, à pequena distância de João Pessoa, entre

Santa Rita e Cruz do Espírito Santo. Ambas, informava-me Odilon, resultaram de promessa feita aos céus por um ajudante do Capitão Rebelinho, cujo grupo havia emboscado um contingente inimigo, no período da invasão holandesa. Ainda celebrando o sucesso da empreitada, esses homens seriam surpreendidos pelo ataque inesperado de uma tropa invasora que, em maior número, deles se aproximava. O mesmo Rio Paraíba, cheio de canto a canto, impedia-lhes a fuga. Só restava recorrer a Deus.

E foi, exatamente, o que fez o auxiliar do Capitão. Prometeu erigir duas igrejinhas, se dali ele e os companheiros saíssem com vida. Nesse momento, o Índio Filipe Camarão chegava ao local à frente de outro bando armado. Apanhados em fogo cruzado, os holandeses fugiram. E as capelas vieram ao mundo. Algum historiador pode observar que não foi bem assim. Que pena... Foi como eu, encantado, ouvi.

O saudoso Odilon contava essa e outras histórias do gênero como ninguém. Ele definia o Baixo Vale do Rio Paraíba – ali incluídos os engenhos de açúcar de Pilar e São Miguel de Taipu, palco de romances de José Lins do Rego – como área de profunda evocação lírica e histórica.

Disse-me, certa vez, que Gilberto Freyre tinha no alpendre da Capela do Socorro (também usada por trabalhadores rurais para dois dedos de prosa, a caminho do eito) uma das provas cabais da intimidade que os nordestinos estabeleceram com os santos de suas devoções. Que falta nos faz gente como Odilon.

Frutuoso Chaves é jornalista e cronista.
Mora em João Pessoa (PB).

Odilon Ribeiro Coutinho

- Um esteta das palavras

José Mário da Silva
Especial para o *Correio das Artes*

Odilon Ribeiro Coutinho, dentre outras instituições a que pertenceu e que representou de maneira superlativa, era membro efetivo da Academia Paraibana de Letras, sendo, por seus numerosos e multiplicados talentos e predicativos intelectuais, um dos mais qualificados moradores do legendário sodalício, que, ao lado de outras personalidades igualmente visionárias e antecipadoras do futuro, Coriolano de Medeiros, na longínqua quadra cronológica dos anos 1940, mais precisamente em 1941, idealizou, com o indesviável desiderato de abrigar homens e mulheres de pensamento, que sempre cultivaram a inapagável utopia de fazer da palavra em estado estético, o ponto de partida e de chegada de todas as suas cogitações existenciais mais profundas.

Estética e Trabalho, eis o lema da Academia Paraibana de Letras, com o qual se confundiu, magistralmente, o ser-fazer público de Odilon Ribeiro Coutinho, que, a meu ver, constituiu-se, acima de tudo, num admirável esteta das palavras, num mestre consagrado na arte-ciência de fazer da palavra a razão diária de sua sobrevivência estética, o fulcro central e indesviável de uma vida irresistivelmente vocacionada para o ato-processo da criação literária, pois é exatamente assim que vislumbro as produções escritas de Odilon Ribeiro Coutinho, como peças literárias do mais alto quilate, sem embargo de exibirem, de igual maneira, o estatuto do pensamento timbrado pela força das ideias em que sempre acreditou; e pelas quais se bateu e foi movido numa existência irrequieta e sumamente produtiva.

Articulista vigoroso, conferencista cativante, orador arrebatado pelas irresistíveis potências de uma aliciante e eletrizadora eloquência, que, como poucos, sabia promover o simétrico conúbio entre forma e conteúdo, Odilon Ribeiro Coutinho foi, sobretudo, um atilado ensaísta, que encontrou na territorialidade aberta e descentrada do ensaio o privilegiado espaço para o vicejamento da sua superior e ensolarada inteligência.

Conforme as pertinentes ponderações de Octávio Tarquínio de Souza: “No verdadeiro



FOTO: ARQUIVO A UNIÃO

Assim como Gilberto Freyre, Odilon Ribeiro Coutinho também foi um competente artífice da palavra exata, aquecida pelo incendiado fogo da poesia

ensaio, de sabor montaigniano ou baconiano, haverá uma aparente falta de plano e o seu ritmo será o da própria vida – homens, instituições, costumes, épocas encaradas sem rigores lógicos, de maneira simples, natural e comum, como se propôs Montaigne, o lado de saber positivo não dissociado nunca do sentido de recreação de que Bacon fez timbre. Só assim o ensaio surpreenderá também o lado de aventura em que muitas vezes se dissimula o veio poético dos temas considerados friamente prosaicos, jamais desvendado, na douda monografia ou no tratado austero”.

Do exposto, depreende-se ser o ensaio uma aventura livre da sensibilidade, imaginação e inteligência, sobre o dorso escoregado da realidade, sempre resistente às hermenêuticas dogmáticas, não raro, reducionistas e apequenadoras da complexidade em que, ao fim e ao cabo, corporifica-se a realidade. Era assim o ensaísmo de Odilon Ribeiro Coutinho, poético em suas anticanônicas formulações verbais; e sobremaneira rico na cadência rítmica de cada pensamento engendrado; na fecunda coloração imagística com que sabia vestir e revestir os argumentos aduzidos em suas abordagens, com especialidade, as que tomavam a região nordeste, com os seus problemas, desafios e soluções, como o corpus inafastável dos seus estudos e perquiri-

ções. Conquanto libertário e descomprometido com metodologias aprioristicamente pré-fixadas, o ensaio nada tem de ecletismo inconsequente, apenas se recusa a se deixar aprisionar pelas asfixiantes grades do dogmatismo, sempre ávido por colocar uma palavra final e definitiva nas investigações dos fenômenos sobre os quais lança o seu olhar.

O ensaio, dirá, brilhantemente, o mestre Eduardo Portella, ícone da crítica poética brasileira, “é a liberdade do olhar, o olhar da liberdade”. Na pena inspirada de Odilon Ribeiro Coutinho, liberdade e planejamento, intuição e cálculo andavam de mãos dadas, o que revelava o elevado senso crítico de que era portador o insigne escritor paraibano, que em vida, a despeito das inúmeras sugestões emergidas dos amigos e admiradores, nunca se determinou, tenazmente, no sentido de transformar em livro, ou livros, o alentado volume de textos que espalhou por jornais, revistas especializadas, dentre outras tribunas em que plantou as fecundas sementes do seu pensamento.

Não fosse a oportuna iniciativa da Professora Ângela Bezerra de Castro, que selecionou e organizou uma coletânea de artigos, ensaios e conferências que Odilon Ribeiro Coutinho escreveu e publicou na imprensa pernambucana, tendo como protagonista e temário central a exponencial figura de Gilberto Freyre, estaríamos com sérias dificuldades para termos acesso à vastíssima produção intelectual do referido escritor paraibano. Produção essa que, segundo a própria Ângela Bezerra de Castro, em ensaio que escreveu em seu belo livro intitulado *Um Certo Modo de Ler*, sendo devidamente catalogada, chegaria a cinco volumes.

No livro *Gilberto Freyre ou O Ideário Brasileiro*, Odilon Ribeiro Coutinho revela, ao longo dos 40 artigos que o compõem, mais os textos das conferências proferidas, todo o encantamento que lhe provocou, no albor da sua juvenília, experiência que somente se consolidou na idade madura, a leitura da obra de Gilberto Freyre, especialmente, a do clássico livro *Casa Grande & Senzala*, que, ao mesmo tempo em que consagrou, internacionalmente, o escritor pernambucano, o tornou alvo de contestações de toda espécie, prin-

cipalmente, da parte daqueles que, agrilhoadamente aferrados a uma sociologia portadora de matiz positivista, sempre viram com suspeição, para dizer o mínimo, a dimensão poética, sumamente literária, de que se revestiu, permanentemente, a linguagem posta em cena por Gilberto Freyre em suas obras, que, de maneira superlativa, cartografou todas as instâncias da vida brasileira, nas diversas etapas do seu processo formativo.

Gilberto Freyre, diria o mestre Machado de Assis, soube, com sobrança engenho e refinada arte, “catar o mínimo e o escondido”, ao captar, por dentro, os abismos mais profundos da alma nacional, ao invés de ficar reproduzindo, mecanicamente, as narrativas ditadas por certas construções ideológicas, ávidas por aprisionar o real em suas duvidosas balizas epistemológicas.

Demonstrando sólido conhecimento da obra de Gilberto Freyre, de quem, assim como José Lins do Rêgo e Edson Nery da Fonseca, era, conforme diz a Escritura Sagrada, um amigo mais chegado que um irmão, além de assumido discípulo, Odilon Ribeiro Coutinho mostra e demonstra que, na pluridimensional obra de Gilberto Freyre, ciência e arte sempre andaram juntas, enamoradamente, coabitando em regime de amorosa e inseparável parceria, de cujo enlace a realidade brasileira emergiu muito mais iluminada, enriquecida, bem como cercada de beleza por todos os lados.

Aqui, também, avulta, como valor soberano e inegociável, a tópica da amizade verdadeira, que brota das camadas mais indevassáveis da alma e promove uma espécie de plenificadora e enaltecida fraternidade do espírito. Mias que o estudioso competente e conhecedor profundo da obra de Gilberto Freyre, Odilon Ribeiro Coutinho revela-se o amigo solidário, que não hesitou em defender o amigo Gilberto Freyre dos ataques que lhe foram movidos por aqueles que não lograram compreender o alcance da arte-ciência que o mestre de Apipucos trouxe com a sua magistral obra de sociólogo, antropólogo, etnólogo, historiador social, ensaísta, mas, sobretudo, de escritor literário do mais elevado quilate estético, bem como da mais

tocante substancialidade humana.

Outro aspecto que ganha relevo na obra de Odilon Ribeiro Coutinho é o que diz respeito à sua privilegiada condição de leitor contumaz, que faz da vida do texto o texto da vida, de uma vida que, à luz do que preconizou Afrânio Coutinho no livro *No Hospital das Letras*, sempre soube que é nos livros que se corporifica a morada do conhecimento. Conciliando, admiravelmente, a atividade empresarial, com incursões no universo da política partidária, Odilon Ribeiro Coutinho foi, fundamentalmente, um homem de letras, um incondicional amante da palavra, da literatura, esse reino da beleza, essa pátria da liberdade, essa sublime arte, na qual, pelo transfigurador poder da palavra, são representadas, em toda a dimensão de complexidade, as mais significativas experiências humanas.

Assim como Gilberto Freyre, Odilon Ribeiro Coutinho também foi um competente artífice da palavra exata, aquecida pelo incendiado fogo da poesia, que soube conjugar a objetividade da análise com a subjetividade da linguagem; linguagem essa indisfarçável e positivamente contaminada pelos libertários estatutos da literariedade, que, à luz das pressuposições teóricas emanadas do Formalismo russo, pode ser compreendida como um conjunto de investimentos que o escritor realiza no corpo da palavra, bem como no corpo movediço da linguagem, com a finalidade precípua de a ela conferir o maior nível de artisticidade possível.

Todos esses valores são encontrados em *Gilberto Freyre ou O Ideário Brasileiro*, em cujas páginas Odilon Ribeiro Coutinho revelou-se, acima de tudo, um escritor, um completo escritor, íntimo do seu ofício e apaixonado pela missão de fazer da literatura, mais do que uma vocação, um imperioso destino.

José Mário da Silva é professor da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e membro da Academia Paraibana de Letras (APL) e da Academia de Letras de Campina Grande (ALCG). Mora em Campina Grande (PB).

O polímata Odilon

José Nunes

Especial para o *Correio das Artes*

Quando o mundo acadêmico paraibano se voltou para lembrar os 100 anos de nascimento de Odilon Ribeiro Coutinho, este homem polímata, de incontestável amor às artes e a religião católica, me fez recordar as poucas vezes que com ele estive. Fosse em evento cultural ou religioso, sempre atencioso, mesmo que dele não tivesse tanta aproximação.

Mas a arte e a religião têm essa virtude, que é aproximar as pessoas. Tarde o conheci, mas o suficiente para recolher ensinamentos.

Odilon Coutinho, cristocêntrico, acreditava na sociedade ao modo dos antigos padres do deserto, vez que ele carregava consigo os preceitos de “orar e trabalhar”.

Eu tive prazer de ouvi-lo pela primeira vez em um encontro que serviu como tentativa de retorno dos beneditinos à Paraíba, à época quando dom Marcelo Carvalheira era o Arcebispo de Paraíba. Na ocasião, falava com sabedoria e firmeza no assunto abordado, relatando a presença dos Beneditinos na Paraíba, e fazendo uma retrospectiva desde quando São Bento iniciou a implantação de sua obra.

Homem da cidade, mas profundamente identificado com o meio rural, naquela saudação contextualizou São Bento como um homem do campo, contemplativo, que quase 1.500 anos depois continua referência no imaginário popular. “Quando o homem do campo quer se livrar de um mal, da ameaça de um animal peçonhento ou feroz, é a este santo que recorre com um valei-me São Bento”, dizia na ocasião.

Nosso relacionamento foi mais de coincidência de profissão de fé no Transcendental e no amor às artes, cada um dentro do seu limite de conhecimento, eu, mais aprendendo a cada reencontro. Seus posicionamentos políticos demonstravam simpatia pelas causas do povo, mesmo sendo um homem desfrutador da culinária das casas-grandes

Busquei textos que falavam dele e nas conversava sobre Odilon com a professora Ângela Bezerra de Castro, sua amiga, que fez a seleção e organização de 40 textos e 8 conferências dele sobre a obra de Gilberto Freyre, seu grande amigo, para livro, a pedido da família, foi que descobri o intelectual que se tornou e, olhando sobre o que havia sido produzido acerca de seu trabalho e da sua dedicação pela arte e pelos livros, percebi que a Paraíba ainda não reconheceu os tributos de escritor e pesquisador das diferentes vertentes da vida humana que Odilon sempre foi.

Agora, no seu centenário de nascimento, é oportuno buscarmos conhecer um pouco mais deste escritor de poucos textos, mas o que produziu tem grandeza literária, pois tinha originalidade, sabor de estilo e boa expressão oral. Em seus textos descobrimos o escritor profundamente humano, de larga visão do mundo.

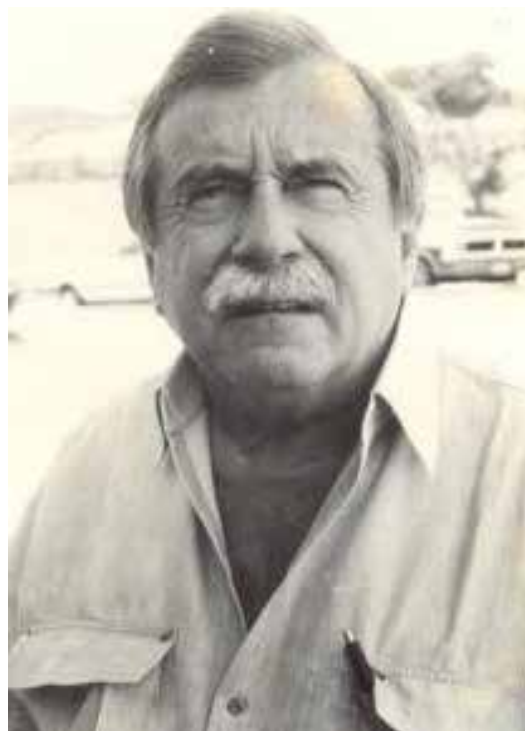


FOTO: ARQUIVO DE FAMÍLIA

Cristocêntrico, Odilon acreditava na sociedade ao modo dos antigos padres do deserto, vez que ele carregava consigo os preceitos de “orar e trabalhar”.

José Nunes da Costa, natural de Serraria (PB), casado, diácono, jornalista e poeta, autor de vários livros, é sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano (IHGP) e da Academia Paraibana de Letras (APL). É cronista colaborador de A União. Mora em João Pessoa (PB).



Hildeberto Barbosa Filho
hildebertopoesia@gmail.com



Pensamentos vadios

Para além da classificação clássica dos gêneros literários, distribuídos entre o épico, o lírico e o dramático, existe, quero crer, uma categoria a que nomeio de gêneros heterodoxos. Se não são, a rigor, ficcionais, dominados pela prevalência da imaginação e da fantasia, não deixam, contudo, de ser literários, entendido o termo num sentido mais elástico e menos acadêmico. Penso, aqui, nas memórias, nos diários, nas biografias, nos testemunhos, nas confissões, nas cartas, nas autobiografias, nos registros, nas anotações, nos “biografemas” e nos fragmentos, entre tantos aportes que a escrita criativa pode comportar no mistério de sua ambivalente expansão.

Colocaria, no interior desse grupo e nos limites de sua intrínseca exigência semântica e, às vezes, estética, o conjunto de textos reunidos por Maria das Neves Franca nesses *Pensamentos Vadios* (João Pessoa: Ideia, 2023). Título, aliás, que já nos chama a atenção, não para o descompromisso com a seriedade da tarefa intelectual e sensível diante das coisas do mundo, mas para o caráter de leveza, fluidez, flexibilidade e antidogmatismo que pode reger o fluxo do pensamento, na sua incessante e incontornável procura da compreensão dos fenômenos que circundam e envolvem a existência humana.

O que ela denomina de “Fragmentos”, em lugar do Sumário, organiza-se em sete partes, assim enumeradas: “... De mim”, “... De filosofia, pedagogia e ternura”, “... De psicanálise”, “... De filmes que vi”, “... De livros que li”, “... De saúde, doença e cuidado” e “... De viagem”, numa proposta que parece ser, à primeira vista, um aleatório caleidoscópio, em sua dispersão e variedade. Afirmo, no entanto, que assim não é. Há uma unidade, subterrânea e secreta, unindo os fios condutores dessa diversidade temática que se espalha pelas páginas adiante.

Se tomo, como ponto de partida, a dicotomia nietzscheana estabelecida entre o apolíneo e o dionisíaco, ou a concepção estética e existencial de um Heidegger, ou, ainda, a tensão entre existência e essência, que pulsa



FOTO: REPRODUÇÃO/INSTAGRAM

Maria das Neves Franca: presença aguda e destemida de um olhar que não se deixa seduzir pela rigidez de um racionalismo instrumental que tanto mal fez ao movimento da civilização

nas correntes existencialistas, de um Kierkegaard, de um Jasper, de um Sartre, de um Camus, por exemplo, sinto a presença aguda e destemida de um olhar que não se deixa seduzir pelas certezas e rigidez de um racionalismo instrumental que tanto mal fez e faz ao movimento da civilização.

Diria que há, nesses “Pensamentos vadios”, de Maria das Neves Franca, fale ela do que falar, a seu jeito livre, lúdico, lúcido e anárquico, uma linha de resistência contra o monocratismo das ideias, contra o pensamento único, contra as posturas convencionais, con-

tra o engessamento das emoções e dos sentimentos, enfim, contra tudo aquilo que, em nome daquela razão absoluta e totalitária, oprime, comprime, violenta e devasta...

Logo, no primeiro texto, “Difícil dizer de mim”, confessa: “Reconheço meu horror a fanatismos, minha suspeita de que acaba colecionando frustrações quem espera alcançar a felicidade explorando caminhos já explorados por medo de se arriscar em outros”, ao que acrescenta, distendendo o canal dionisíaco do seu pensamento: “Gosto do que exige minha imaginação, minha criatividade e liberdade, por isso me atraem a arte, a literatura, a música, o ferro-velho, os sebos, as viagens, as crianças”.

Na entrevista que se segue, concedida ao jornalista Luiz Carlos de Souza, do Correio da Paraíba, em 18 de outubro de 2015, indagada acerca do possível espaço para a filosofia na sociedade atual, responde, com sua formação heideggeriana:

Vivemos no que Heidegger chama de ‘a noite do mundo’. As coisas que nos rodeiam perderam o brilho e o apelo que dirige a nós já não encontra ressonância. {...} Essa ‘noite do mundo’ está calcada no esquecimento do Ser, no esquecimento da diferença e da transcendência como traço essencial da condição humana. Impõe-se uma falsa soberania da ciência e do mundo tecnificado, com seu processo de massificação e destruição das sensibilidades.

Para ela, a filosofia, nascida do espanto, e a pedagogia, forjada no humano e na criatividade, não podem elidir o clamor da ternura. A psicanálise, por sua vez, contém o desassossego do poético, o fulgor indócil de sua chama, na tentativa de recompor o equilíbrio emocional da alma humana, cheia de tormentas, conflitos e aflições. À medicina pressupõe o cuidado, não apenas em seus instrumentos técnicos e científicos, em seus métodos eugênicos e assépticos, porém, sobretudo, no componente filosófico e ético que o vocábulo possui, a apelar rigorosamente para o teor humanitário que deve presidir a relação médico-paciente, isto é, uma relação entre sujeitos, sujeitos humanos, e não uma relação de poder entre sujeito e objeto. A viagem, que pode ser na música, na filosofia, na

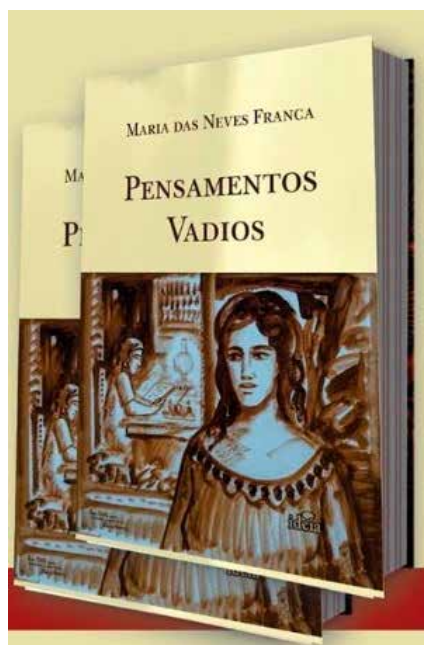


FOTO: REPRODUÇÃO

‘Pensamentos Vadios’: escrita livre, lúdica, lúcida e anárquica contra posturas convencionais

poesia, enfim, na arte em geral, aparece como a metáfora-síntese da vida, na medida em que a vida é movimento, é feita de mudanças, como diria o poeta; a vida é fluxo, é rio, um rio heracliteano; ou, como diz Cecília Meireles, em versos emblemáticos, reinscrevendo a tópica da viagem em outra dimensão: “A vida, a vida, a vida / só é possível / reinventada”.

Eis alguns dos ensinamentos que os *Pensamentos vadios* nos ofertam, na gratuidade de sua inquieta e resoluta reflexão. Não importa se o texto, aqui e ali, ganha lastro ensaístico, como que cedendo a um fôlego maior e mais intenso, a exemplo de peças como “Sobre a servidão voluntária” e “A viagem na música e na filosofia”. Não importa se o texto se formula, na mais das vezes, numa nota medular, numa simples inscrição de testemunho ou exemplo, numa revelação, quase um *insight* dentro da fábula mágica do cotidiano, como, entre

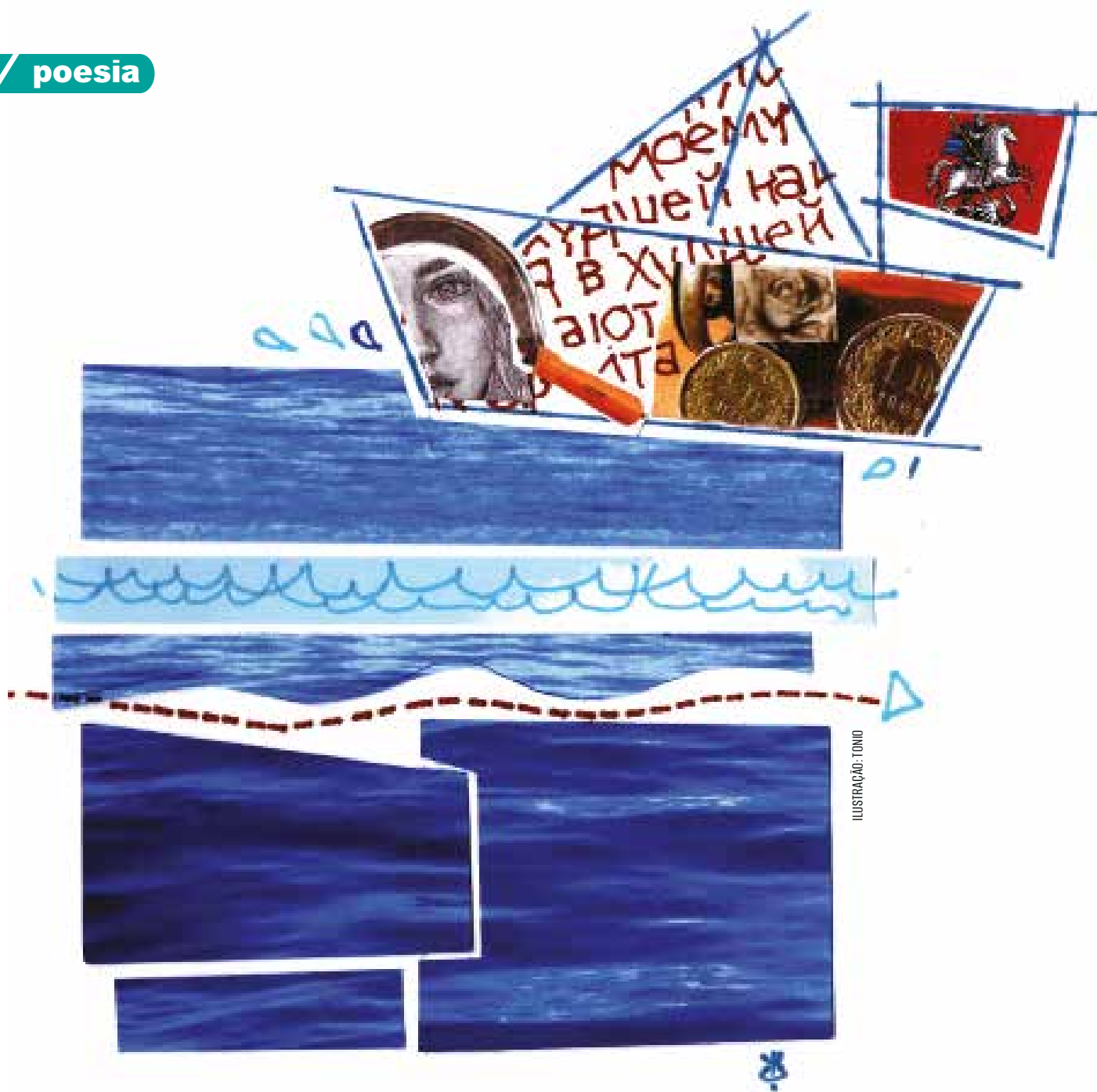
tantos, “Encontro oportuno”, “Copo americano”, “O segredo da prova para arrais amador”, “Goya e a pandemia”, “Sinatra”, “Um domingo qualquer em setembro”, “Polacas”, “O diário de Flávio”, “Alegria extra” e “Somos todos culpados”.

Em todos eles, por mais curtos que sejam na perspectiva de sua intuição minimalista, algo de novo e de surpreendente se desvela. Diria que esses pequeninos textos nos indicam um roteiro pedagógico, nos alertam para aquela “gramática da fantasia”, de que fala Gianni Rodari, nas suas lições para uma educação infantil, descortinando, assim, a possibilidade de novos olhares, de novas experiências vivenciais e de novas e múltiplas descobertas.

A lista de filmes e de livros, também sugeridos sem qualquer imperativo determinista, tão somente calcada no gosto e na empatia, tem a marca e o sabor daquilo que instrui e deleita, conforme o poeta latino. Também revela a cinéfila fiel à sintaxe das imagens em movimento, ao mesmo tempo em que, com seus curtos e certos comentários, com suas impressões estéticas e afetivas, convidam o leitor para a democracia do diálogo, ou, quem, sabe, para experimentar a estesia do encontro com mais um filme ou mais um livro.

É aqui onde reside o segredo dessa obra de estreia de Maria das Neves Franca. Em seu estilo simples, livre, direto, coloquial, promove como que uma pequena propedêutica ao universo dionisíaco das coisas, sem desmerecer, não obstante, os raios de equilíbrio dos parâmetros apolíneos. Existe, na pluralidade de seus textos, uma incontida crítica à razão, mas, à razão pragmática, herdeira do Iluminismo, à razão produtiva do capital que escraviza o trabalho, porém, nunca à “razão sensível” de que fala Michel Maffesoli, essa razão que sabe e assimila o poder da paixão, o lume da imaginação e da fantasia.

Hildeberto Barbosa Filho é poeta e crítico literário. Mestre e doutor em Literatura Brasileira, professor titular aposentado da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e membro da Academia Paraibana de Letras (APL). Autor de inúmeras obras no campo da poesia, da crítica, da crônica e do ensaio, dentre as quais se destacam: ‘Nem morrer é remédio: Poesia reunida’; ‘Arrecifes e lajedos: Breve itinerário da poesia na Paraíba’; ‘Literatura: as fontes de prazer’; ‘Os livros: a única viagem’ e ‘Valeu à pena’. Mora em João Pessoa (PB).



VLADIMIR MAIAKOVSKI: Indo para casa

Publicado há quase 100 anos, 'Indo para casa!' é o último poema que o poeta russo Maiakóvski fez quando esteve nos Estados Unidos

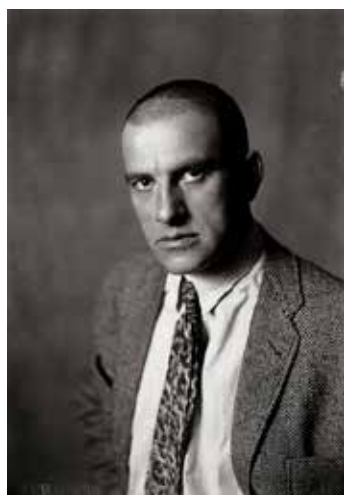


FOTO: REPRODUÇÃO / WIKIPEDIA

Astier Basílio

Especial para o *Correio das Artes*

Escrito no navio que o levava a Moscou, "Indo para casa!" foi o último poema de uma série de 25 escritos por Vladimir Maiakóvski (1893-1930) quando esteve nos Estados Unidos, sua mais longa viagem dentre as nove que fez ao exterior. Esta composição integra o ciclo nomeado de "Poemas sobre a América".

Este poema só veio a ser publicado na íntegra na revista *Molodaya gvardiya*, em janeiro de 1926. Posteriormente, acatando o conselho de seu amigo Óssip Brik (1888-1945), que à época trabalhava para o serviço secreto russo, as duas estrofes foram suprimidas, de modo que acabaram se tornando uma espécie de poema autônomo, frequentemente citado por estudiosos da obra de Maiakóvski.

Домой!

Уходите, мысли, во-свояси.
Обнимись,
души и моря глубь.
Тот,
кто постоянно ясен —
тот,
по-моему,
просто глуп.
Я в худшей каюте
из всех кают —
всю ночь надо мною
ногами куют.
Всю ночь,
покой потолка возмутив,
несется танец,
стонет мотив:
«Маркита,
Маркита,
Маркита моя,
зачем ты,
Маркита,
не любишь меня...»
А зачем
любить меня Марките?!
У меня
и франков даже нет.
А Маркиту
(толечко моргните!)
за сто франков
препроводят в кабинет.
Небольшие деньги —
поживи для шику —
нет,
интеллигент,
взбивая грязь вихров,
будешь всучивать ей
швейную машинку,
по стежкам
строчащую
шелка стихов.
Пролетарии
приходят к коммунизму
низом —
низом шахт,
серпов
и вил, —
я ж
с небес поэзии
бросаюсь в коммунизм,
потому что
нет мне
без него любви.
Все равно —
сослался сам я
или послан к маме —
слов ржавеет сталь,
чернеет баса медь.
Почему
под иностранными дождями
вымокать мне,
гнить мне

Indo para casa!

Pensamentos, vão pros seus pagos, sumam!
Abraça
o fundo da alma ao do mar.
Quem é,
constantemente claro,
pra mim é
tão somente estúpido.
Estou na pior de todas
as cabines ruins
a noite toda pernas
depredam sobre mim.
A noite toda
a calma do teto se tira,
girando a dança,
gemendo o motivo:
“Markita,
Markita,
Markita que é minha,
mas por que,
Markita,
tu não me amarias?”
Mas porque
Markita deveria me amar?!
se eu não tenho nem mais francos
Mas Markita
(marque isto com uma piscadinha!)
por cem francos
em minha cabine entraria.
Para se estar chique,
nem é muita quantia;
não,
sabichão,
batendo a onda de sujeira,
não irás empurrá-la
uma máquina de costura
pelos pontos trançados
da seda dos poemas.
Os proletários chegam ao comunismo de baixo -
de baixo das minas,
das foices
e forquilhas,
eu mesmo
do céu da poesia
para o comunismo salto
porque para mim
sem ele
nem amor haveria.
De um jeito ou de outro,
eu mesmo me enviaria
ou seria enviado à minha mãe -
o aço enferruja palavras,
escurece o cobre a voz do baixo
Por que será
que sob chuvas estrangeiras
eu me ensopo,
eu me enferrujo
e me estrago?
Então me deito,
indo além das águas,
com preguiça
mal eu movo

и ржаветь?
Вот лежу,
уехавший за воды,
ленью
еле двигаю
моей машины части.
Я себя
советским чувствую
заводом,
вырабатывающим счастье.
Не хочу,
чтоб меня, как цветочек с полян,
рвали
после служебных тягот.
Я хочу,
чтоб в дебатах
потел Госплан,
мне давая
задания на год.
Я хочу,
чтоб над мыслью
времен комиссар
с приказанием нависал.
Я хочу,
чтоб сверхставками спеца
получало
любовищу сердце.
Я хочу
чтоб в конце работы
завком
запирал мои губы
замком.
Я хочу,
чтоб к штыку
приравняли перо.
С чугуном чтоб
и с выделкой стали
о работе стихов,
от Политбюро,
чтобы делал
доклады Сталин.
«Так, мол,
и так...
И до самых верхов
прошли
из рабочих нор мы:
в Союзе
Республик
пониманье стихов
выше
довоенной нормы...»

1925 г.

minha máquina de pedaços.
Eu me sinto
uma fábrica soviética
capaz de produzir felicidade.
Eu quero,
que de mim, como florzinha do pólen,
retirem
depois de um serviço pesado.
Eu quero
que nos debates sue o plano de governo
ao me dar
um ano de trabalho.
Eu quero
que sob o pensamento
do tempo comissário
do alto com decretos me supervisionem.
Eu quero
que o departamento de horas extras
recebesse
um coração dado a uma amante.
Eu quero
que no fim do trabalho o comitê de tudo
tranque meus lábios
num comitê substituto.
Eu quero,
que com uma baioneta
a pena ganhe prumo.
Com ferro fundido
com um produto de aço
sobre o trabalho dos versos
do Politburo,
para que um relatório
apresente Stálin.
“Assim, eu diria, e assim...
até os mais altos vértices
nós saímos
das locas dos operários para o mero
entendimento
de poemas
da União das Repúblicas
com parâmetros
acima
dos de antes da guerra”.
Eu quero ser entendido pelo meu chão pátrio
mas não serei entendido -
o que fazer?!
Pelo meu chão pátrio
eu passarei ao largo
como passa
uma chuva de través.

[1925]

**Tradução
de Astier Basílio**

Astier Basílio é jornalista e escritor. Atualmente mora em Moscou, onde faz doutorado em literatura russa, no Instituto de Literatura Maksim Górkí. É autor de “Maquinista”, Prêmio Nacional de Dramaturgia da Funarte, em 2014.

O genro de Pedro Américo

Cardoso de Oliveira foi romancista, dramaturgo, poeta, biógrafo e diplomata consagrado

Thélio Queiroz Farias
Especial para o *Correio das Artes*

O baiano José Manoel Cardoso de Oliveira entrou para a história como autor da biografia do sogro, o paraibano Pedro Américo de Figueiredo e Melo. No entanto, pouco se sabe da vida do genro de Pedro Américo, que foi um dos grandes nomes da história do Ministério das Relações Exteriores (Itamaraty), além de romancista, poeta, dramaturgo e biógrafo.

Carlota Porto-Alegre de Figueiredo e Melo, a segunda filha de Pedro Américo de Figueiredo Melo, se casou com José Manoel Cardoso Oliveira, passando a assinar Carlota de Figueiredo Cardoso de Oliveira, em nupcial que ocorreu em 27 de maio de 1891, na cidade do Rio de Janeiro. Um casamento que seria muito feliz, como lembrado em livro sobre a carreira diplomática de Cardoso de Oliveira, escrito pela filha do casal, também chamada de Carlota:

“Conheceram-se então os dois jovens destinados a juntos passarem o resto de uma vida longa e felicíssima, tendo o recato, a fina educação e os grandes olhos amendoados de Carlota cativado o jovem, que sentiu também, timidamente correspondido seu amor”¹.

Carlota, a filha do genial paraibano, nasceu em 1871, no Rio de Janeiro, e faleceu aos 86 anos em 10 de janeiro de 1957, na mesma cidade. Sempre foi ligadíssima ao pai, era excelente desenhista e tocava vários instrumentos, uma tradição da família de Pedro Américo. Em 1941, o casal José Manoel-Carlota teve a ventura de comemorar Bodas de Ouro, com festividade realizada na mesma igreja em que receberam as bênçãos ma-

trimoniais, a Igreja de Santo Antônio dos Pobres, à rua dos Inválidos n. 42, no centro do Rio de Janeiro, templo que ficou famoso por receber várias visitas de Dom João VI, devoto do santo lisboeta.



“Ex-Libris” de Cardoso de Oliveira, desenhado por Pedro Américo

Na biografia de Pedro Américo, José Manoel Cardoso de Oliveira registra uma pitoresca coincidência no início do seu relacionamento com Carlota:

“...vindos, ela da Europa, e ele, o futuro noivo, da Bahia, até então desconhecidos, hospedaram-se, casualmente, numa antiga e conceituada casa de pensão, já de outras vezes preferida pela família, à rua do Lavradio, onde se conheceram. E ali foi recém-chegada ocupar o quarto, que, a pedido da proprietária, para bem acomodá-la junto aos seus pais, fora cedido poucos dias antes pelo então despreocupado jovem, que no andar térreo passou a morar, como mais tarde veio saber, no mesmo quarto ela tinha nascido!”

José Manoel Cardoso de Oliveira e Carlota de Figueiredo Cardoso de Oliveira, tiveram os seguintes filhos:

¹ MENCIONADO POR CARLOTA DE FIGUEIREDO CARDOSO DE OLIVEIRA, IN REMINISCÊNCIAS DE UM DIPLOMATA, RIO DE JANEIRO, 1967.



A filha Carlota e as netas Virgínia, Carlota Paulina, M. Clara e Lúcia

Maria Virgínia de Figueiredo Cardoso de Oliveira (1895), que faleceu solteira; Aurélio de Figueiredo Cardoso de Oliveira (1892); Maria Carlota de Figueiredo Cardoso de Oliveira (1896), que também não contraiu matrimônio; Maria Clara de Figueiredo e Melo Cardoso de Oliveira (1897), nascida em Berlim, na Alemanha, que casou com o embaixador Oscar Pires do Rio; e Maria Lydia de Figueiredo Cardoso de Olivei-



Cardoso de Oliveira, embaixador e biógrafo de Pedro Américo

ra (1902), nascida em Londres, no Reino Unido, casada com o capitão Elmir de Mello Feijó.

O casal ainda teve outro filho: Pedro Américo de Figueiredo e Melo Neto, que viria a falecer na primeira infância, tal qual outro Pedro Américo, o filho do pintor. O destino queria que Pedro Américo só existisse um.

O genro de Pedro Américo, José Manoel Cardoso de Oliveira, nasceu em 27 de junho de 1865, na cidade de Salvador de Todos os Santos, capital da província da Bahia, filho de Rodolpho Cardoso de Oliveira e Maria Virgínia de Matos Cardoso.

Bacharel em Direito pela conceituada Faculdade do Recife, diplomata, foi também um escritor reconhecido em sua época, considerado por alguns como "regionalista", por suas temáticas ligadas ao Nordeste, e, por outros, representante do naturalismo na literatura, com seu romance mais importante *Dois Metros e Cinco Costumes Brasileiros*, cuja primeira edição saiu em 1905, e reedições em 1909 e 1936. Foi, ainda, poeta, romancista, dramaturgo e biógrafo, publicando várias outras obras, inclusive a famosa história do seu sogro,

Pedro Américo sua Vida e suas Obras, cuja primeira edição saiu em 1898, escrita quando Cardoso de Oliveira exercia cargo diplomático em Berlim, na Alemanha, reeditada em 1943 e 1993 - esta última edição pelo Senado Federal.

Cardoso de Oliveira nasceu numa casa abastada situada no recanto da Barra, em Salvador, filho de Rodolfo Cardoso de Oliveira e Maria Virgínia de Matos Cardoso. Na sua infância, teve como cenário o Oceano Atlântico, desfrutando uma vida de criança saudável, abraçada pela água salgada da Baía de Todos os Santos e pelo sol abrasador do Nordeste brasileiro. A família frequentou a Igreja do Outeiro de Santo Antônio da Barra, onde assistia a missa dominical e descortinava a bela vista do mar, embalando os sonhos do menino José Manoel.

Os pais de José Manoel são descendentes de portugueses da cidade de Guimarães, no norte de Portugal. Seu avô José Francisco Cardoso de Moraes era filólogo e poeta, além de professor de latim. Teve educação esmerada e partiu em 1885 para o Recife, cursar Ciências Jurídicas e Sociais.

Na capital pernambucana, iniciou sua vida literária, publicando artigos e ensaios em jornais como *O Incentivo*, no qual publicou poemas e propaganda abolicionista, com o trabalho "Os Proscritos da Senzala". Concomitantemente, exercia o jornalismo na "Gazeta da Bahia".

Como poeta, publicou *Cartas em Verso* (1886) e *Dos Alpes... Flôcos e Rimãs* (1900). Na dramaturgia, editou o drama em cinco atos *O Sorvedouro* (1902). Publicou também *Actos Diplomáticos do Brasil* em dois volumes, no ano de 1912; *Cartas em Verso* (1886); *Versos* (1908); e um livro em francês, *Le Gouffre*, drama em cinco atos editado em 1901.

Cardoso de Oliveira ainda seria agraciado com a Grã-Cruz da Ordem Militar de Cristo e a Grã-Cruz da Ordem Militar de Sant'Iago da Espada, ambas recebidas do governo de Portugal em 1923 e 1927 respectivamente.

Sobre o romance *Dois Metros e Cinco*, o grande Câmara Cascudo considerou que "é um dos livros mais vivos e mais saborosos da literatura costumista do Brasil", para em seguida ressaltar: "*Dois Metros e Cinco* é um informativo maravilhoso para a etnografia, e o folclore nacionais".

Sobre o mesmo livro, Joaquim Nabuco exclamou: "...é a essência do bra-



ILUSTRAÇÃO: PEDRO AMÉRICO

Desenho de Pedro Américo publicado no livro 'Dois Metros e Cinco'

sileirismo, recolhida e conservada para sempre em jarras da Bahia!”². Detalhe interessante é que o romance *Dois Metros e Cinco* contém ilustração de Pedro Américo.

Cardoso de Oliveira, após se bacharelar pela Faculdade de Direito do Recife, iniciou sua vida profissional como Juiz de Órfãos da Comarca da Barra do Rio Grande, e depois Promotor de Justiça da Comarca de São Francisco, nas margens baianas do rio São Francisco. Posteriormente, fez brilhante carreira na diplomacia brasileira, exercendo o cargo de Cônsul-Geral do Brasil em Nova Orleans, no estado da Lousiana, no sul dos Estados Unidos, além de cargos diplomáticos em Berlim (Alemanha), Londres (Inglaterra), Berna (Suiça), Cidade do México (México), Santiago

(Chile), encerrando a carreira no Itamaraty como Embaixador do Brasil em Portugal de 1922 a 1931.

Em Berna, na Suiça, foi o principal auxiliar do Barão do Rio Branco na questão dos limites com a Guiana Francesa, envolvendo o governo da França, cuja arbitragem internacional deu vitória ao Brasil. Cardoso de Oliveira foi membro da prestigiosa Academia de Ciências de Lisboa e, durante algum tempo, foi considerado o braço-direito do chanceler brasileiro José Maria da Silva Paranhos Júnior, o Barão do Rio Branco.

Cardoso preparava-se para ser Embaixador do Brasil no Japão quando foi transferido pelo Ministro das Relações Exteriores, Lauro Müller, para a Embaixada na República do México,

em 1912. Quando em exercício do alto cargo diplomático na Cidade do México, eclodiu a Revolução Mexicana, na qual se destacavam personagens como Emiliano Zapata e Pancho Villa.

A atuação diplomática do genro de Pedro Américo foi extraordinária durante o período revolucionário, inclusive arriscando sua vida, pois “atravessava as ruas em pleno tiroteio, para dirigir-se às reuniões diplomáticas onde tratavam de diligências urgentes”³.

No auge do conflito, Oliveira ajudou vários cidadãos norte-americanos, alguns salvando a vida do ódio dos mais radicais revolucionários. O governo dos Estados Unidos da América chegou a nomear Cardoso de Oliveira, excepcionalmente e com autorização do Congresso norte-americano, como representante diplomático dos EUA no México, cumulando Cardoso com a representação brasileira, fato inédito na diplomacia brasileira e que poucas vezes se repetiu na diplomacia mundial.

Em virtude da brilhante atuação de Cardoso de Oliveira no episódio da Revolução Mexicana, o presidente dos Estados Unidos da América, Woodrow Wilson⁴, encaminhou comunicação ao presidente brasileiro Wenceslau Braz, com o seguinte teor:

“Sinceramente aprecio o modo eficaz com que, de todo coração, o Dr. Cardoso de Oliveira serviu ao nosso país, e congratulo-me com o Brasil por ter à seu serviço diplomático um representante de tão eminentes dotes, e de personalidade tão agradável.”⁵

O presidente Woodrow Wilson enviou, ainda, carta de agradecimento ao próprio embaixador Cardoso de Oliveira:

“Há um ano tivestes a bondade de aceder ao pedido deste Governo para agir como representante diplomático no México, e não posso deixar passar esta data sem expressar-vos meu cordial apreço pela vossa generosidade em aumentar tão largamente os cuidados de vosso cargo, e pelo modo eficaz com que, sob as mais penosas e duras circunstâncias, tendes-vos mostrado mais do que à altura das rigorosas exigências desta representação.”⁶

² Mencionado por Carlota de Figueiredo Cardoso de Oliveira, in *Reminiscências de um Diplomata*, Rio de Janeiro, 1967.

³ Carlota de Figueiredo Cardoso de Oliveira, in *Reminiscências de um Diplomata*, Rio de Janeiro, 1967.

⁴ Thomas Woodrow Wilson (1856 – 1924) foi o 28º Presidente dos Estados Unidos. Era também professor da Universidade de Princeton e Phd em ciências políticas pela Universidade Johns Hopkins. Na política, foi governador de New Jersey.

⁵ In *Reminiscências de um Diplomata*, Carlota de Figueiredo Cardoso de Oliveira, edição da autora, Rio de Janeiro, 1967.

⁶ In *Reminiscências de um Diplomata*, Carlota de Figueiredo Cardoso de Oliveira, edição da autora, Rio de Janeiro, 1967.

Convidado pelo Governo norte-americano, Cardoso de Oliveira esteve em Washington, acompanhado de sua esposa Carlota, onde foi homenageado com jantar solene ofertado pelo então Secretário de Estado Robert Lansing⁷, em nome do Presidente Woodrow Wilson. Também foi convidado a viajar no iate presidencial para conhecer Mount Vernon⁸, no Estado da Virgínia, a fim de visitar a casa de George Washington, herói nacional e primeiro presidente dos Estados Unidos da América.

No ano de 1930, Cardoso de Oliveira se aposentou do Itamaraty, passando a residir no bairro de Botafogo, no Rio de Janeiro, na companhia de sua filha Maria Virgínia, acompanhando o crescimento dos netos, filhos de Maria Clara e do embaixador Oscar Pires, do Rio, estes casados em 17 de fevereiro de 1927.

No Rio de Janeiro, houve o casamento da filha Maria Lydia com Elmir de Mello Feijó, capitão do Exército pertencente a uma tradicional família do estado de Pernambuco.

Enviuvou em 1957, e, nos últimos anos de vida, teve como companheiro inseparável o seu irmão Artur Cardoso de Oliveira, tabelião público da comarca do Rio de Janeiro. Cardoso de Oliveira morreu em 28 de fevereiro de 1962 e, a seu pedido, foi sepultado na sua Bahia natal.

Merece registro o fato de que Cardoso de Oliveira e a esposa Carlota tiveram “o privilégio de assistir, em Londres, aos festejos da coroação do Rei Eduardo VII, e da Rainha Alexandra, na Abadia de Westminster”⁹ em agosto de 1902, participando, inclusive, do suntuoso baile de gala da corte britânica e “nos imensos e feéricos salões do Palácio de Buckingham, desfilavam diante dos reis, sentados em ricos tronos, e rodeados dos membros da corte”¹⁰.

Pedro Américo esteve com a Rainha Victória e sua filha, Carlota, e conheceu o Rei Eduardo VII, filho e sucessor da

primeira no cargo de Rei da Grã-Bretanha, Imperador da Índia e dos Domínios Britânicos de Além-mar.

Como um filho

Pedro Américo tinha o genro José Manoel Cardoso de Oliveira como um filho, nutrindo profunda admiração e respeito pelo esposo de sua filha. Américo e Cardoso conversavam sobre todos os assuntos, tendo Pedro Américo desenhado o *ex-libris* do diplomata e ilustrado um dos seus livros. Em verdade, ambos se admiravam profundamente, tendo Cardoso de Oliveira confessado, numa carta encaminhada ao seu chefe,

o Ministro das Relações Exteriores, o Barão do Rio Branco, escrita de Londres em data de 27 de outubro de 1905, agradecendo o gesto de providenciar o traslado do corpo do pintor paraibano de Florença para o Brasil, sobre sua relação com o sogro Figueiredo e Melo:

“Eu o queria como se ele fosse o meu próprio pai e é com ternura e gratidão de filho que agradeço a V. Excia. o ter tão nobre e prontamente acudido meu apelo.”¹¹

Maria Carlota de Figueiredo Cardoso de Oliveira, neta de Pedro Américo, publicaria vários livros, dentre eles a obra *Reminiscências de um Diplomata* (1865-1965), focado na atuação do seu pai Cardoso de Oliveira nos postos diplomáticos que exerceu, publicado em 1967.

Carlota de Figueiredo Cardoso de Oliveira, como gostava de ser chamada e como assinava seus livros, faleceu solteira, tendo publicado, ainda, os livros *Para Grandes e Pequenos, Vida da Irmã Marie Céline de La Présentation, Jornadas Diplomáticas e Outras e Crônicas*, além



FOTO: REPRODUÇÃO

Casal Cardoso de Oliveira e Carlota na época de suas bodas de ouro

⁷ Lansing (1864-1928) foi advogado e político. Além de Secretário de Estado durante a presidência Woodrow Wilson, se destacou como membro da Comissão Americana para Negociar a Paz em Paris, no ano de 1919.

⁸ Mount Vernon era o palácio sede da fazenda do primeiro presidente George Washington, construído em estilo neoclássico da arquitetura georgiana às margens do Rio Potomac, nas proximidades da cidade de Alexandria, no Estado da Virgínia. Os restos mortais de Washington se encontram na propriedade, que atualmente é patrimônio histórico dos EUA. Na presidência, Washington passou 434 dias na propriedade e, ao final do mandato, passou a residir na mesma.

⁹ In *Reminiscências de um Diplomata*, Carlota de Figueiredo Cardoso de Oliveira, edição da autora, Rio de Janeiro, 1967.

¹⁰ In *Reminiscências de um Diplomata*, Carlota de Figueiredo Cardoso de Oliveira, edição da autora, Rio de Janeiro, 1967.

¹¹ In Pedro Américo, por Tancredo Torres, ed. Fundação Guimarães Duque, Mossoró, 2001.

do livro *A Pintura no Brasil*, estudo sobre a história da arte no país lançado em 1963, com ótima recepção da crítica e do público.

A neta de Pedro Américo era escritora respeitada, com grande atividade, além de colaborar com artigos em oito revistas e jornais no Brasil e no exterior, inclusive na revista *Vida*, onde trabalhou 11 anos.

Maria Carlota foi tradutora de vários livros escritos originalmente em inglês, francês, italiano e espanhol, conquistando o importante Prêmio da Academia Britânica do Rio de Janeiro, além de ter trabalhado como conferencista e palestrante, sempre solicitada de inúmeros eventos culturais, artísticos ou literários.



Capa de um dos livros lançados pela neta de Pedro Américo

Maria Clara, chamada de “Clarinha”, tornou-se a esposa de Oscar Pires do Rio, diplomata de carreira e um dos seus filhos, Paulo Pires do Rio, também entrou no Itamaraty e alçou o posto de embaixador. Interessante que Maria Clara e Oscar Pires do Rio se casaram na própria embaixada brasileira, em Lisboa, em 17 de fevereiro de 1927, repetindo o casamento dos avós Pedro Américo e Carlota Porto-Alegre, com missa solene proferida pelo Núncio Apostólico em Portugal, Monsenhor Nicotra, que trouxe benção especial do Papa Pio XI ao casal.

Oscar Pires do Rio foi cônsul do Brasil em Marselha e Paris, na França, além de ter exercido cargo diplomático



FOTO: REPRODUÇÃO

Embaixador Paulo Pires do Rio, bisneto de Pedro Américo

em Berna, capital da Suíça. Oscar foi ainda consultor-geral da Embaixada do Brasil em Buenos Aires, na Argentina e Embaixador do Brasil na Venezuela.

Interessante a ligação familiar de Pedro Américo com a carreira diplomática. Casado com a filha de um diplomata, Pedro Américo viu sua segunda filha, Carlota, contrair matrimônio com um embaixador José Manuel Cardoso de Oliveira. A neta Maria Clara se uniu a Oscar Pires do Rio (1896-1986), também embaixador. Um primo de Oscar, José Pires do Rio, foi Ministro da Viação e Obras Públicas no governo do paraibano e colega de Pedro Américo na bancada federal na primeira legislatura republicana Epitácio Pessoa, exercendo ainda José, o cargo de prefeito de São Paulo.

O bisneto do areense famoso, Paulo Pires do Rio, exerceu vários cargos na carreira diplomática, chegando a embaixador do Brasil no Canadá, no Japão e na Itália, tendo falecido em março de

2017, quando já se encontrava aposentado, exercendo a advocacia (OAB/RJ 38782) e fazia parte do Conselho do Jockey Club do Rio de Janeiro.

Jorge Pires do Rio, bisneto do pintor paraibano, também fez carreira diplomática. Outro bisneto de Pedro Américo, Antonio Augusto Pires do Rio, trabalhou também no serviço diplomático do Itamaraty, servindo em Santiago (Chile), Lisboa (Portugal) e Washington (Estados Unidos), além de ser embaixador em Bangkok, na Tailândia, e em Tapei, Taiwan (Formosa).

Registre-se, também, que o cunhado de Pedro Américo, Paulo Porto-Alegre, sucedeu o pai Manuel – após o falecimento deste – no comando da diplomacia brasileira em Portugal.

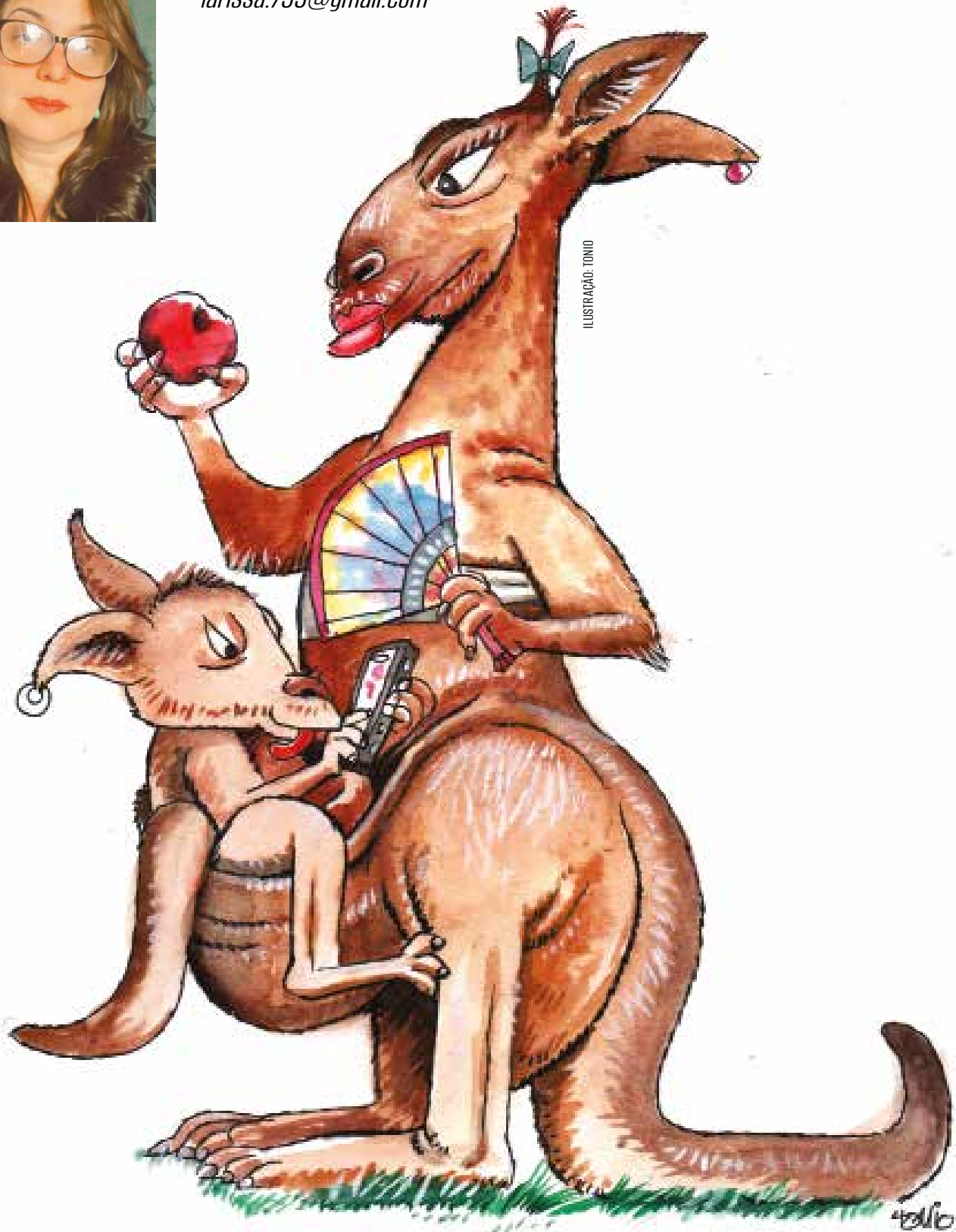
José Manoel Cardoso de Oliveira foi uma espécie de filho adotivo de Pedro Américo, o maior amigo em vida do grande paraibano. Um grande personagem da família do maior dos paraibanos!

Thélio Queiroz Farias é advogado, escritor, autor de ‘Além do Ipiranga: A Extraordinária Vida de Pedro Américo e Suas Incríveis Facetas’ (Cepe/Editora A União) e atual Presidente da Academia de Letras de Campina Grande



Larissa Rodrigues
larissa.733@gmail.com

/ afinal, o que quer uma mulher?



Mãe e Pai, Pai e Mãe

Estava num salão de beleza, e conhecia de vista algumas mulheres que estavam lá. Uma delas era íntima e, entre risadas e reclamações, declarou que ainda não havia se aposentado por conta do filho mais velho. Ele estava passando por uma separação difícil e mesmo assim não deixava de ocupar o lugar de adolescente. Com mais de 30 anos, o rapaz ainda fazia da casa materna um lugar onde se permitia ser mais infantil que próprio

filho de quatro anos.

No salão, com tinta nos cabelos, a mãe reclamava e maldizia seu destino. Sem pestanejar afirmei: “Filho adulto precisa se responsabilizar por suas escolhas, essa separação não é sua, é dele. Deixe-o se virar”. No instante seguinte, as outras duas mulheres que estavam no lugar me fuzilaram com o olhar. Para ser ainda mais provocativa, soltei: “Não perca tempo com filho, ele não perderia com você”.

Nesse momento, lancei um míssil na sala. Cheguei a sentir a explosão. Esperei a rebordosa e nada. Todas caladas e muito sérias. Já perceberam que tem mães que não conseguem sorrir? A maternidade pesa demais. Outras não conseguem admitir que os filhos crescem e não se dão conta de que isso só é possível se elas deixarem. Libertem seus filhos, sinto vontade de gritar. A mãe é um outro gigante, é o grande objeto de identificação. Isso, evidentemente, pesa, mas há de haver saída e ela está na liberdade.

A mãe deveria ser boa o suficiente, na medida. Passar disso é deixar o mais ou o menos. Penso que o mais é muito pior, as mães cangurus, que não tiram suas crias de seu confortável ventre, impossibilitam que essa pessoa cresça para além de seu território. Mas estava falando das mães sérias, aquelas que não têm tempo nem para sorrir, de tão preocupadas com as urgências dos filhos. Lembro de uma conhecida que tem duas filhas. Seu sorriso foi minguando. Foi ficando cada dia mais difícil recordar de como era antes. Nada deveria ser tão duro. As mães deveriam sorrir mais. O riso é o caminho que a culpa oculta.

Agosto é o mês de comemorar o Dia dos Pais. Sim, concordo que é mais uma ideia do capitalismo, assim como o Dia das Mães, o Coelho da Páscoa, o Dia das Crianças e por aí vai. Nesse dia, como nos outros, nossas redes sociais ficam repletas de fotos e mensagens carinhosas. Tem quem eu nem sabia que ainda tinha pai. E tem os que já perderam o herói. Na verdade, encontramos de tudo. Ultimamente, muitas pessoas parabenizam as mães por terem sido pai e mãe ou como dizem comumente, “pães”. É

**Já perceberam
que tem
mães que não
conseguem
sorrir? A
maternidade pesa
demais.**

uma verdadeira feira de mangaio. Por vezes, fico com vontade de jogar pólvora, mas mexer com a fantasia alheia pode ser devastador. Então, fico cá quieta.

Mas aqui, posso falar. Mãe não é e nunca será pai e vice-versa. Cada um tem sua função e importância para a construção do aparelho psíquico. A questão é que muitas mães, que já têm sua própria falta e seu próprio abandono, não suportam saber que o filho sentirá algo da mesma natureza. Pena que as intenções de tapar os buracos de nada resolve.

A falta e a falta paterna devem, a meu ver, ser encaradas. E não disfarçada com a doação exclusiva da mulher. Sim, antes de ser mãe, existe ali uma mulher. Bem como, antes de ser pai, existe ali um homem. Ambos com suas faltas, traumas, dores e desassossegos. Somos e sempre seremos seres incompletos, talvez a grande dificuldade humana seja suportar a ideia da

incompletude.

Partindo dessa ideia de incompletude, talvez possamos pensar sobre o deixar os filhos encararem as faltas de sua vida. Recordei, agora, de uma outra conhecida que pensou em doar seu apartamento para a filha, os dois netos e o genro. Quando questionei onde ela moraria, respondeu, com raiva: “Em qualquer lugar”.

Curioso é que nunca ouvi falar no pai dessa filha e, anos depois, essa filha teve mais um filho e continuam morando todos com a mãe. A mãe cedeu seu lugar de forma “heroica”. A ajuda não pareceu eficaz já que ninguém se movimentou para mudar. Estão todos no que se chama atualmente de “zona de conforto”. Continuam estagnados, a mãe-maravilha, a filha sofrida, o marido descansado e o pai ausente. Nessa posição narcísica ninguém muda, ninguém se implica, todos ficam ali gozando de sua dor. E haja infelicidade.

Sei que estou parecendo crítica, mas na verdade escrevo para uma reflexão. As mães precisam mesmo se anular? Se assim o fazem, não acabam destituindo o pai? Se o pai for um irresponsável, um cara infantil, egoísta ou coisa parecida, a anulação e o peso excessivo carregado por essas mulheres vão mudar os fatos? Os filhos acolhidos nesse contexto vão se impor diante da dureza da vida? Não é o que vejo. Mães deveriam sorrir, mães deveriam fazer sua função e só. Acreditar na educação dada aos filhos já me parece um bom caminho.

A vida não é fácil. Enxergo como um desafio árduo. É possível sorrir, deixando os filhos lidar com suas próprias faltas. Amar também pode doer, mas talvez seja melhor ver a dor de um filho por ele estar tentando do que pela impossibilidade de ser movimentar. Mães, libertem-se. Pais, façam seu papel. Filhos, responsabilizem-se. É o que sinto vontade de dizer. No mais, feliz Dia dos Pais.

Larissa Rodrigues é psicóloga clínica, psicanalista em formação e escritora. Autora do romance, *O que as mulheres carregam nas bolsas*. Mora em João Pessoa.

‘Cumade Sebastiana’: 70 anos fazendo o Brasil “cantar e xaxar”

Jocelino Tomaz de Lima
Especial para o *Correio das Artes*

Lançado pela gravadora Copacabana no final de outubro de 1953 o disco de 78 RPM nº 5155 trazia, em seu lado A, ‘Forró em Limoeiro’, composição de Edgar Ferreira, e, no lado B, ‘Sebastiana’, de Rosil Cavalcanti, ambas interpretadas por Jackson do Pandeiro. Assim, há 70 anos, aquele que se consagrou como o “Rei do Ritmo”, fez sua estreia fonográfica com um feito raro: as duas faixas foram sucessos nacionais, principalmente ‘Sebastiana’.

A música se tornou um clássico do cancioneiro nordestino, muitas regravações e referências ocorreram ao longo do tempo e não cessam. Tivemos, entre 1999 e 2013, um grupo de jovens forrozeiras paraibanas que lançou CDs e se tornou bastante popular: eram As Bastianas, nome inspirado na música. Outro grupo baiano se chama Cumade Sebastiana.

A mais tradicional associação de blocos de rua do carnaval do Rio de Janeiro se chama Sebastiana. Temos uma premiada cachaça paulista com esse nome. Em maio deste ano, o Tribunal de Justiça da Paraíba lançou sua inteligência artificial para o sistema de processos judiciais eletrônicos e o nome escolhido para ela foi Sebastiana. Esses são alguns exemplos do quanto essa canção foi e continua sendo um marco na cultura nordestina.

Um coco que pode ser dançado como forró, ‘Sebastiana’ sintetiza a mistura de ritmos que foi a carreira de Jackson.



FOTO: ARQUIVO FERNANDO MOURA

Na Rádio Tabajara, Jackson do Pandeiro (E) e Rosil Cavalcanti (D) - futuros intérprete e autor de ‘Sebastiana’, respectivamente - formaram a dupla de humor Café com Leite, de muito sucesso entre 1947 e 1948

O Nascimento

Vivíamos a Era de Ouro do Rádio no Brasil. Esse meio de comunicação chegou ao Brasil em 1922, mas com a expansão das antenas e seu uso comercial, sua chegada aos lares de boa parte do país se deu nas décadas de 1940 e 1950. Os programas de auditório estavam entre as atrações principais das rádios. Em Recife, Francisco Pessoa de Queiroz, primo que veio a se tornar inimigo de João Pessoa, realizou um alto investimento na Rádio Jornal do Comércio, inaugurada em 1948 para se tornar uma referência nacional, superando emissoras já consolidadas, como a Rádio Clube.

Segundo a biografia *Jackson do Pandeiro, O Rei do Ritmo*, de Fernando Moura e Antônio Vicente, era 17 de janeiro de 1953 quando, na Rádio Jornal do Comércio do Recife, estreava um programa carnavalesco chamado 'A Pisada é Essa'. A rádio tinha um auditório com capacidade para 600 espectadores sentados, mas naquela noite chegou a quase mil. A expectativa era enorme. Se apresentariam, além de artistas do cast da rádio, astros advindos do Rio de Janeiro (então capital brasileira), como a vedete Rose Rondelli e o ator transformista Carlos Gil, imitando, inclusive, Carmen Miranda.

Dentre os artistas já contratados da rádio estava, desde 1948, um ritmista advindo da Rádio Tabajara da Paraíba, recrutado pelo maestro Nôzinho que, desde então, compunha a orquestra Jazz Paraguay e se destacava em Recife como baterista, bongozeiro e, principalmente, pandeirista. Cantando sambas e marchas, principalmente do repertório do cantor Jorge Veiga, ele ganhava cada vez mais espaço na programação da rádio. Seu nome era José Gomes Filho, mas o nome artístico, dado pelo locutor-chefe da rádio Ernani Sevé, era Jackson do Pandeiro, que já tinha fama de ser o "homem-orquestra".

Ele era natural de Alagoa Grande (PB), nascera em 31 de agosto de 1919, seus primeiros contatos com a música se deram através da mãe Flora Mourão, que era dançarina de coco. Com a perda do pai ainda na infância, a família foi viver em Campina Grande. O apelido de "Jack" veio das suas imitações do ator americano de filmes de faroeste Jack Perrin. Na Rainha da Borborema, ele exerceu vários ofícios para, como filho mais velho, ajudar a família.

Correio das Artes

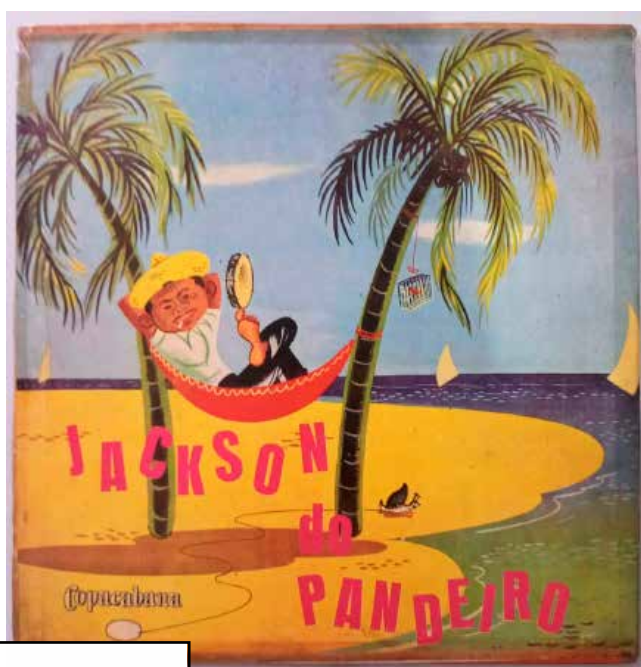


FOTO: REPRODUÇÃO



Lançado em 1955, pelo selo Copacabana, primeiro LP de Jackson do Pandeiro (acima) traz, entre suas faixas, 'Sebastiana', que você pode ouvir apontando a câmera do seu telefone celular, conectado à internet, para o QR Code ao lado

Musicalmente, passou a ser baterista em cabarés da cidade. Em 1944, se mudou para João Pessoa e ganhou espaço na Rádio Tabajara. Entre a diversidade de instrumentos rítmicos que manjava, o pandeiro já era o seu preferido, chegando a ser conhecido por "Jack do Pandeiro".

Naquela noite de estreia do programa da Rádio Jornal do Comércio, Jackson escolheu para sua apresentação a marchinha carnavalesca 'Cachaça' ("Você pensa que cachaça é água/cachaça não é água não/ cachaça vem do alambique/ e água vem do ribeirão"), que já vinha sendo trabalhada nas rádios do Brasil e se tornaria o maior sucesso do carnaval daquele ano.

Mas o produtor daquele evento de estreia, Amarílio Nicéas, disse que queria dele uma música regional, um coco, um rojão ou um baião. Jackson ficou muito contrariado; não via sentido cantar esses ritmos em programa que tinha características de prévia carnavalesca. Por outro lado, os produtores argumentavam que haveria outros artistas que apresentariam

sambas e marchinhas carnavalescas, e que eles queriam mostrar nessa estreia que o programa teria um pouco de tudo. Mesmo argumentando que não queria cantar coco, enquanto os outros artistas se apresentariam com orquestras, Jackson teve que engolir.

O paraibano teria menos de meia hora para escolher e ensaiar outra música. Nessa hora, lhe veio à memória um coco que seu amigo compositor Rosil Cavalcanti compusera e que ele pensava em divulgar no próximo período junino. O nome era 'Sebastiana'.

Escolha feita, Jackson tinha sanfoneiro, zabumbeiro e triangulista à sua disposição, mas havia a necessidade de um vocal feminino e a escolhida para aquela função, que posteriormente consagraria a sua principal parceira, Almira Castilho, foi a rádio atriz Luiza de Oliveira. O vestuário de Jackson, também escolhido pela produção, era um termo e chapéu brancos com uma gravata colorida, um "malandro nordestino". Ele também achou esquisito: "Tô parecendo o Zé Pilintra" (entidade da Umbanda), diria ele.

Chegada a hora, eles são anunciados, o regional começa a tocar e ele canta:

*Convidei a cunhada Sebastiana
Pra cantar e xaxar na Paraíba
Ela veio com uma dança diferente
Que pulava que só uma guariba (2X)*

E gritava: A, E, I, O, U, Ypsilone (2X)

*Já cansada no meio da brincadeira
E dançando fora do compasso
Segurei Sebastiana pelo braço
E gritei: não faça sujeira
O xaxado esquentou na gafeira
Sebastiana não deu mais fracasso*

Mas gritava A, E, I, O, U, Ypsilone (2X)

Na hora das vogais, Luiza surpreende Jackson partindo para lhe dar uma umbigada, com passos engraçados, imitando uma “guariba” (tipo de macaca). Ele, com toda experiência de rodas de coco, da vivência com sua mãe Flora Mourão, parte também para cima dela. A coreografia cômica do casal leva o público ao delírio. E assim “nasceu” Sebastiana.

Nas 26 noites seguintes, até o carnaval, eles voltaram a apresentar ‘Sebastiana’ mais de uma vez por programa e se tornou um hit do carnaval de Recife daquele ano. A rádio criou outros programas com a participação de Jackson e o próprio programa A Pisada é Essa mudou o nome para A, E, I, O, U, Ypsilone.

O “pai” de Sebastiana

Não podemos falar da criatura sem falarmos do criador. No caso de Sebastiana, estamos tratando de um dos grandes compositores da música nordestina, além de ator e radialista, Rosil Cavalcanti. Nascido em Macaparana (PE) em 1915, foi funcionário público durante boa parte da sua vida, mas se realizava como radialista e compositor. Atuou em várias rádios da Paraíba, mas ficou imortalizado pelo programa Forró do Zé Lagoa, um dos mais importantes da história da música nordestina e cujo nome também virou música e título de disco de Jackson do Pandeiro.

Antes de provar o sucesso com ‘Sebastiana’, ‘Meu Cariri’, outro clássico da música nordestina de sua autoria, ganhou o Brasil na voz de Ademilde

Fonseca, a Rainha do Choro da Era do Rádio, em maio de 1953.

O contato de Rosil com nomes de destaque do cenário musical se dava, principalmente, devido a apresentações delas na Rádio Borborema de Campina Grande. Curiosamente, ‘Sebastiana’ por pouco não foi gravada antes por uma cantora e compositora popular da época, a maranhense Dilú Melo, artista que se diferenciou por passar a se apresentar com uma sanfona, tendo sido chamada de Rainha do Acordeão, a quem Rosil apresentou várias composições, entre elas ‘Sebastiana’ e ‘Meu Cariri’ - no caso dessa última existe até uma polêmica quanto a participação ou não de Dilú Melo na composição.

Rosil, provavelmente, conheceu Jackson nas suas visitas ao Cassino Eldorado de Campina Grande, onde o futuro Rei do Ritmo se apresentava como baterista. Depois, quando ambos se hospedavam na pensão de Isabel Preta, próximo a antiga estação rodoviária de João Pessoa, estreitaram os laços.

No entanto, a amizade foi selada quando ambos faziam parte do *cast* da Rádio Tabajara de João Pessoa e passaram a interpretar a dupla Café com Leite. Essa foi a segunda formação da dupla; a primeira era com Jackson e Zé Lacerda, irmão do icônico Genival Lacerda. Nas comédias musicais da dupla, Rosil, o “Leite”, pintava o rosto de branco, e Jackson, que era o “Café”, pintava a face de preto. Seus quadros de



Almira Castilho (E) se tornou uma das principais parceiras de Jackson (D), mas não foi a primeira dupla feminina com o Rei do Ritmo; a atriz Luiza de Oliveira veio antes, dividindo o palco com o paraibano nas performances de ‘Sebastiana’

humor foram sucesso entre 1947 e 1948.

O compositor passa a apresentar suas obras para Jackson e, além de ‘Sebastiana’, foram gravadas por ele: ‘Assunto novo’, ‘Boi brabo’, ‘Carta pro Norte’, ‘Casamento com cheque’, ‘Coco do Norte’, ‘Coco social’, ‘Os cabelos de Maria’, ‘Cabo Tenório’, ‘Com muita razão’, ‘Cunpadre João’, ‘Forró na gafeira’, ‘Lei da compensação’, ‘Lição de tabuada’, ‘Madalena’, ‘O meu e o seu’, ‘Moxotó’, ‘Na base da chinela’, ‘Vou me casar’, ‘Pacífico pacato’, ‘O trabalho que deu’, ‘Urubu molhado’, ‘Vassoureiro’ e ‘Forró de Zé Lagoa’, enfim, 25 canções.

Além de Jackson do Pandeiro, outros grandes nomes da música nordestina interpretaram canções compostas por Rosil, como Luiz Gonzaga (‘Tropeiros da Borborema’, ‘Festa do milho’, ‘Ô véio

macho' e 'Amigo velho'), Marinês e Sua Gente ('Aquarela nordestina', 'Coisas do Norte', 'Curandeiro' e 'Saudade de Campina Grande'), Genival Lacerda ('Coco de roda', 'Forró de Zé Lagoa' e outros), Trio Nordestino, Abdias dos 8 Baixos, Ary Lobo, Zé Calixto, Anastácia e outros. Ressaltamos, também, dois trabalhos em homenagem a Rosil Cavalcante: um LP de Biliu de Campina (*Tributo a Jackson e a Rosil*, 1989) e o CD *Lucy Alves e Clã Brasil no Forró do seu Rosil*, lançado em 2015, ano do centenário do compositor, incluindo, até, três composições inéditas dele, musicadas por Badú Alves.

Rosil Cavalcanti faleceu em 10 de julho de 1968, vítima de um infarte do miocárdio, coincidentemente na mesma data em que Jackson do Pandeiro viria a óbito em 1982.

Fruto de 29 anos de pesquisas, o livro *Pra Dançar e Xaxar na Paraíba – Andanças de Rosil Cavalcanti*, de Rômulo Nóbrega e José Batista Alves, lançado no seu centenário, é obra de referência.

Do sucesso para o disco

Nessa época, Luiz Gonzaga, o Rei do Baião, era campeão absoluto de vendas da gravadora RCA Victor. Os baiões, xaxados e xotes gravados por ele eram grandes sucessos nacionais. Nos anos de 1952 e 1953, por exemplo, foram lançadas canções que se tornaram clássicas, como 'Acauã', 'Pau de arara', 'Paraíba', 'Légua tirana', 'Algodão', 'Vozes da seca', 'O xote das meninas', 'ABC do Sertão' e 'A vida do viajante'.

Assim, depois do sucesso de 'Sebastiana' ganhar as rádios de Recife, entra nessa história Genival Macedo, autor de 'Meu sublime torrão', que viu em Jackson do Pandeiro o potencial para ser a estrela de uma das gravadoras concorrentes da RCA de Gonzaga, e, assim, Jackson foi contratado pela Copacabana. Curiosamente, Gonzaga, de passagem por Recife, chegou a convidar Jackson para fazer carreira no Rio de Janeiro, mas o paraibano não quis ficar dependendo dele.

Para seu lançamento, o ritmista apresentou várias composições que vinha reunindo, fosse exclusivamente de outros compositores, fosse com a participação do paraibano, e dez delas foram

aprovadas e lançadas, duas a duas, em discos de 78RPM. As primeiras gravações discográficas de Jackson se deram nos estúdios da própria Rádio Jornal do Comércio e aconteceram de madrugada, para que o barulho dos carros não atrapalhasse. Das dez faixas gravadas, as duas escolhidas para o disco de estreia foram 'Forró em Limoeiro' (lado A) e 'Sebastiana' (lado B).

Para o acompanhamento de Jackson nas gravações, foi escolhida a orquestra Gaúcho e seu Conjunto, que fazia parte do cast da Rádio Jornal do Comércio. O "gaúcho", no caso, se chamava Auro Pedro Tomaz, natural de Santo Ângelo (RS), onde iniciou a carreira, seguindo para Porto Alegre, onde atuou por três anos na Rádio Gaúcha e se aperfeiçoou no acordeom, se tornando um virtuose. Foi sargento músico da aeronáutica e mudou-se para Recife, onde atuou na Rádio Jornal do Comércio com sua orquestra de danças entre 1953 e 1955 - nesse último ano, deixou a aeronáutica e mudou-se para o Rio de Janeiro. Sendo contratado pela grande Rádio Nacional, fez acompanhamentos também em discos de Ari Cordovil e Gilson Chaves. Excursionou pelo exterior (Chile, Peru

e Argentina) com o violonista Bola Sete (Djalma de Andrade) e chegou a lançar disco próprio, em 1959.

O primeiro disco de Jackson do Pandeiro foi lançado em outubro de 1953 e logo o sucesso que estava em Pernambuco ganhou o Brasil. Em várias listas dos discos mais vendidos do Brasil, nos meses seguintes emplacava sempre nos primeiros lugares. Um fato raro também é que as duas canções se tornaram sucesso e o disco atingiu, nas primeiras semanas, a vendagem de 50 mil cópias - para se ter uma ideia, Angela Maria, na época, vendeu 20 mil cópias

Tanto sucesso fez com que as demais músicas gravadas fossem também lançadas e o sucesso fizesse com que Jackson, agora com sua principal parceira, Almira Castilho, fizesse uma espetacular temporada no Rio de Janeiro em 1954 e que, em 1955, fosse lançando seu primeiro LP, *Jackson do Pandeiro com Conjunto e Coro*, que além das duas faixas do primeiro disco, trouxe 'Cremilda', '1 x 1', 'O galo cantou', 'Forró em Caruaru', 'A mulher do Aníbal' e 'Falsa patroa'. Assim, Jackson já se projetava como O Rei do Ritmo, que foi assim reconhecido poucos anos depois.



FOTO: REPRODUÇÃO

Das dez faixas que Jackson do Pandeiro gravou para sua estreia em disco, foram escolhidas 'Forró em Limoeiro', para o lado A, e 'Sebastiana', para o lado B do compacto.

Outras sebastianas

O nome Sebastiana significa sagrado, venerável, glorioso. Era um nome próprio muito comum na região Nordeste, provavelmente pela a ligação da região ao chamado Sebastianismo, movimento profético que se originou em Portugal no séc. 16 devido ao desaparecimento do Rei Dom Sebastião, em uma batalha no norte da África, o que gerou uma crise na sucessão do trono português. Veio, então, a crença de que D. Sebastião, milagrosamente, voltaria para salvar o reino, semelhante à lenda do Rei Arthur na Inglaterra.

Essa crença se espalhou pelo Brasil Colonial e está na base de vários movimentos messiânicos do Nordeste brasileiro, como o de Antônio Conselheiro, em Canudos, e a tragédia de Pedra Bonita, que inspirou o romance *Pedra Bonita*, de José Lins do Rêgo, e o romance *A Pedra do Reino*, de Ariano Suassuna.

Não foi a primeira vez que uma música chamada 'Sebastiana' foi lançada no Brasil. A primeira foi de 1910, uma canção instrumental da Banda Carioca. A segunda foi uma composição dos Irmãos Valença, interpretada por Manelzinho Araújo e lançada em 1937. Curiosamente, Manelzinho Araújo, o Rei da Embolada, e Jorge Veiga, o Caricaturista do Samba, foram fortes influências na formação do estilo de Jackson do Pandeiro.

Porém, é em uma canção chamada 'Sebastiana da Silva' que vemos interessantes associações com a 'Sebastiana' de Rosil. O animador da Rádio Guarani e compositor mineiro Rômulo Coimbra Tavares Paes considerava o samba 'Sebastiana da Silva' sua maior obra. A música veio a público ao ser lançada em junho de 1951 pela então Rainha do Rádio, Dalva de Oliveira, em um disco de 78 RPM que trazia, do seu lado B, outro sucesso da sua carreira, "Palhaço".

A canção 'Sebastiana da Silva' foi um grande sucesso daquele ano, o que pode ser comprovado em várias listas de revistas especializadas da época, como *Revista do Rádio* e *Radiolândia*, concorrendo para que a cantora fosse eleita a Rainha do Rádio naquele ano.

Em entrevista à revista *Rádio Entrevista*, a própria Dalva cita 'Sebastiana da Silva' como um de seus maiores sucessos. Vejamos sua letra:

Sebastiana da Silva

*Morava lá num casebre
Bem no alto da pedreira
Sebastiana da Silva
Com a profissão de coveira*

*Um dia foi convidada
Pelo maioral do lugar
Pra ser a porta estandarte
Mexer com as suas cadeiras
Fazer que vai, mas não vai
Sapatear e cantar*

*Sebastiana da Silva
Não negou a sua raça
Desceu com a escola de samba
E conquistou uma taça
Achou que era uma glória
E cheia de denço ficou
Quando nosso matutino
Seu retrato publicou*

*Mas Sebastiana da Silva
Depois como qualquer mortal
Ficou crente de si
Trocou o barracão por um palacete*

*Um moreno de praia
Pelo seu maioral
Vestiu o bolero
Deixou o organdi
Porém o destino traçou
Estava escrito em sua mão*

*Sebastiana da Silva
Voltou um dia pro alto morro
Pra sua gente, pro seu barracão
Sebastiana da Silva*

Ante a fama que tinha a "Rainha" Dalva de Oliveira e o sucesso da música, não é estranho supor que Rosil Cavalcante, que nessa época se destacava na Rádio Borborema de Campina Grande, tenha conhecido a canção e, talvez, o tenha se inspirado na composição para sua antológica 'Sebastiana', trazida a público menos de dois anos depois, porém, composta já há algum tempo.

Seria a mesma personagem?

A letra de 'Sebastiana' diz que ela foi convidada "pra cantar e xaxar na Paraíba", o que nos leva a crer que a personagem não era dessa região. A 'Sebastiana da Silva', de acordo com a letra da música, foi convidada para ser porta bandeira de uma escola de samba, para "sapatear e cantar", para "mexer com as suas cadeiras / Fazer que vai, mas não vai".

A letra também diz que "o xaxado esquentou na gafieira", mais uma referência ao encontro do ritmo nordestino com o samba que a 'Sebastiana' traz. Seria essa sambista que Rosil convidou para xaxar e ela acabou "pulando que só uma guariba", "dançando fora do compasso"? Fica a dúvida.

Por fim, destacamos mais uma 'Sebastiana', essa do ano seguinte, 1954. Trata-se de um monólogo gravado em disco pelo radialista e compositor alagoano Aldemar Paiva, que a partir de Pernambuco, revolucionou o rádio nordestino. Aldemar também tornou 'Sebastiana' um quadro de humor na TV Rádio Clube de Pernambuco. No monólogo e no quadro da TV, 'Sebastiana' é uma sexy empregada doméstica a qual o narrador se declara (a personagem era interpretada pela rádio atriz Carolina Cavalcanti).

Regravações até no estrangeiro

A partir dos anos 1960, tendo como principal fator o sucesso da Jovem Guarda, a música nordestina perdeu espaço e muitos artistas nunca mais voltaram a ter sucesso como antes. Com Jackson não foi diferente.

Porém, veio o movimento cultural denominado Tropicalismo que tinha, entre suas bandeiras, a revalorização da nossa genuína música e cultura. Assim, em 1969, em seu primeiro disco solo, Gal Costa regravou 'Sebastiana', com participação de Gilberto Gil, este que, dois anos depois, regravou 'O canto da ema' e 'Chiclete com banana'. A regravação de Gal foi um marco na carreira de Jackson: a mesma canção que o revelou para o Brasil, 16 anos antes, o trouxe de volta ao sucesso.

Empolgado com o sucesso de Gal, Jackson lançou, em 1970, um LP em que externa sua reafirmação no cenário musical com o sugestivo título *Aqui Tô Eu*, trabalho que trouxe uma nova gravação de 'Sebastiana', com novos arranjos e qualidade superior à do primeiro disco.

Jackson se tornou referência para muitos nomes da MPB, do forró e do samba, tendo sido muito regravado. No caso da música 'Sebastiana', temos a campeã em regravações. O autor deste

artigo e o pesquisador Érico Sátiro listamos 75 delas, deixando de fora muitas outras registradas apenas em DVDs.

Vejamos alguns artistas que “convidaram a cumadre Sebastiana para cantar e xaxar na Paraíba”: Xuxa, Baby do Brasil, Eduardo Dussek, Lenine, Trio Nordestino, Dominginhos, Jarbas Mariz, Biliu de Campina, Genival Lacerda, Geraldo Azevedo, Zé Ramalho, Pinto do Acordeom, Lucy Alves, Quinteto Violado, Luan Estilizado e o Pianista Ricardo Bacelar.

Embora Luiz Gonzaga não tenha regravado ‘Sebastiana’ na sua voz, ela fez parte do repertório de um especial para TV Globo em 1984, que seria o show de despedida do Rei do Baião, porém foi interpretada pela forrozeira Guadalupe, na época esposa de Dominginhos. O show foi lançado em DVD em 2003 e o áudio dessa apresentação de ‘Sebastiana’, posteriormente, fez parte do CD *Luiz Gonzaga Seleção Especial – Grandes Sucessos* (2013).

Porém muitos não sabem que ‘Sebastiana’ rompeu fronteiras e foi gravada também no exterior. A primeira gravação internacional, segundo o livro *Pra Dançar e Xaxar na Paraíba – Andanças de Rosil Cavalcanti*, foi do cantor e compositor mineiro Leo Belico que, quando morou na Argentina, foi contratado pela rádio El Mundo. Nos nove anos em que viveu em Buenos Aires, fez sucesso lá e em outros países sul-americanos, gravou 62 músicas, sempre cantando em português, e chegou a participar de filme e de musical, se tornando conhecido do presidente Juan Peron e sua esposa, Evita.

Leo Belico foi um divulgador da música brasileira na Argentina. Ele tinha ouvido Jackson do Pandeiro no Rio de Janeiro e gravou ‘Sebastiana’ em 1954, com arranjo do maestro Roberto Pansera e sua Orquestra, com violino, instrumentos de sopro etc.

Ainda na América Latina, ‘Sebastiana’ também foi gravada em Cuba e no Peru. No primeiro, pela cantora Xilmará Alfaro, uma grande cantora cubana que lançou cerca de 30 discos, se destacando, principalmente, nos boleros com sua voz de soprano e impressionantes agudos - a gravação está no CD *Moliendo Café*, de 2012, um dos seus últimos trabalhos (a artista faleceu em 2018).

A gravação peruana foi na voz de Lucho Macedo, músico, pianista, compositor e arranjador de salsa. Ele formou uma Sonora (tipo de orquestra), que se



FOTO: ARQUIVO/ESTADÃO CONTEÚDO

tornou a banda da América Latina de maior destaque internacional, Lucho é, certamente, um dos artistas mais importantes da música peruana e sua gravação se deu em 1961.

No continente europeu, a “Cumadre Sebastiana” foi para na França e na Itália, em ambos com gravações em português. Quem a levou para a França foi o músico francês contemporâneo Thibaut Gueριαux. Na Itália, a temos em um LP duplo de Toquinho lançado naquele país em 1989, chamado *Toquinho in Canta Brasil – Carosello Di Musiche, Canti e Immagini Del Brasile Di Ire e Di Oggi* (“Canções e Imagens do Brasil de Ontem e de Hoje”). O álbum foi gravado ao vivo durante uma turnê em 1984, depois do grande sucesso da sua música ‘Aquarela’ (‘Acquarello’) naquele país.

O espetáculo resgatou a tradição musical brasileira com samba tradicional, bossa nova, música nordestina e carnavalesca. Com várias participações no show, ‘Sebastiana’ foi interpretada pela forrozeira Guadalupe, acompanhada pelo sanfoneiro Dominginhos.

Variação

Vale ressaltar uma variação na letra de ‘Sebastiana’, na sua primeira gravação, de 1953: Jackson canta “pra cantar e xaxar na Paraíba”, no entanto, tudo indica que na letra original de Rosil, esse trecho é “pra dançar e xaxar na Paraíba” – esse, inclusive, é o título da

Gal Costa regravou ‘Sebastiana’ em seu primeiro LP solo, lançado em 1969, e a gravação colocou Jackson do Pandeiro novamente sob os holofotes do estrelato

biografia do compositor e, nesse caso, fica até redundante, já que “xaxar” já é uma forma de “dançar”.

O próprio Jackson, curiosamente, como pode ser constatado em registros de vídeos, em algumas apresentações, cantava “pra dançar e xaxar”. Nas regravações que citamos, aparece com frequência as duas formas, como também em algumas, como a antológica regravação de Gal Costa, em que ela canta “pra dançar um xaxado na Paraíba”.

A inclusão do xaxado na letra é ainda mais cabível se considerarmos que, a partir de 1950 até meados dessa década, Luiz Gonzaga divulgou mais esse ritmo, que teve sua origem com os cangaceiros. Nessa fase, o “Rei do Baião” passou a se vestir de cangaceiro nas apresentações e também a ser acompanhado por Marinês, vestida de cangaceira, que foi nomeada por ele a Rainha do Xaxado.

Mas voltando a variação da letra, fiquemos com a versão com a qual ela surgiu pela primeira vez, fazendo o Brasil “cantar e xaxar”, há 70 anos.

Jocelino Tomaz de Lima é pesquisador e ativista cultural, presidente do coletivo Grupo Atitude, que promove voluntariamente, desde 2005, a leitura e a cultura na cidade de Caiçara-PB. Licenciado em Geografia e Bacharel em Direito. Mora em Caiçara (PB)



Filme de cabeceira

Sobre *Desencanto* não é a primeira vez que escrevo, nem será esta a última. Os leitores que me perdoem, mas o filme de David Lean (1945) me persegue como um fantasma benfazejo. Nele, sei qual cena vem depois de qual cena e que diálogo responde a que diálogo, e o pior, ou o melhor: cada vez que o revejo, reajo com a vibração de estar assistindo a um filme novo. Filme de cabeceira é assim.

Desencanto é a história de uma mulher como poucos homens souberam contar, pelo menos no âmbito do cinema. Na Inglaterra dos anos quarenta, uma provinciana dona de casa, classe média baixa, bem casada e mãe de dois filhos, leva uma vidinha mediana e insossa que nada teria de interessante se... E quanta coisa cabe nesse “se”, pelo menos o bastante para salvar uma existência do tédio.

Laura Jesson (Celia Johnson) mora em Ketchworth e toda quinta-feira toma o trem para a vizinha Milford para fazer compras, locar livros, ver um filme ou simplesmente se distrair. Um dia, na cantina da Estação, lhe cai um cisco no olho e um estranho, que por acaso era médico e casado, a ajuda. Desde então, começa uma amizade entre Laura e Dr. Alec Harvey (Trevor Howard) que não demora nada para virar amor, um amor cada vez mais avassalador e, naturalmente, cheio de temores e culpas.

Uma mentira aqui, outra ali, logo cedo o casal adúltero se dá conta de que não possui condição psíquica, nem prática, de sustentar a situação, e é então que Alec decide aceitar uma proposta de emprego no Sul da África.

Após a despedida, Laura, na mesma estação de trem onde tudo começara, ensaia uma tentativa de suicídio, mas não tem coragem de jogar-se na frente do Trem Expresso, e volta para casa deprimida, para os braços do marido que não ama.

Enquanto o marido, em sua confortável cadeira de papai, faz suas habituais palavras cruzadas, Laura liga o rádio e, ao som do “*Segundo Concerto para Piano*” de Rachmaninof, recorda a história inteira, desde o começo, em profundo e sentido monólogo interior, como se estivesse falando ao marido. É por esse longo “*flashback*” subjetivo que temos acesso visual à história de Laura e só com ele já andado, é que entendemos a

gravidade dos sentimentos envolvidos na cena inicial da despedida, a que primeiro assistíamos sem sequer saber que se tratava de uma despedida.

Uma das coisas mais geniais em *Desencanto* é o paradoxo de ser uma história de amor construída com tamanho realismo, ironia e distanciamento. Sobre o seu realismo, (que lembra a tradição de documentarismo do cinema inglês, a la Grierson) basta pensar na vulgaridade do sub-enredo que se desenvolve na cantina da Estação de Milford, entre a dona, tão “cockney”, e os fregueses que a paqueram ou a insultam.

Com relação à ironia, muitos exemplos podem ser dados, mas lembremos apenas duas coisinhas que fazem parte do diálogo. Quando Laura e Alec vão ao cinema pela primeira vez, ainda nos preâmbulos do seu caso, o *trailer* que passa é de um filme fictício chamado, nada gratuitamente, de “*Flames of Passion*” anunciado como “*coming soon*”,



FOTO: REPRODUÇÃO

Quem conhece o diretor David Lean apenas por superproduções como 'Lawrence da Arábia' e 'Doutor Jívago', deve saborear a pequenez maravilhosa de 'Desencanto'



FOTO: DIVULGAÇÃO

Cena do clássico 'Desencanto': história de amor construída com realismo, ironia e distanciamento

ou seja, as “chamas da paixão” estão para vir. A segunda vez, eles vão ver exatamente este filme, e no começo da projeção o próprio Alec avisa, “preparem-se para lágrimas”, justamente o que a crítica passou a dizer de *Desencanto*. Só que, contrariamente ao esperado, o “filme dentro do filme” era tão ruim que o casal escapole do cinema e prefere o ar puro do Jardim Botânico, como a sugerir: “quem é que aguenta melodramas?”

Antes de Laura dar início a seus devaneios rememorativos, o marido Fred, fazendo as palavras cruzadas do *Times*, lhe pede ajuda num problema: eram versos de um poema de Keats onde faltava só uma palavra de sete letras, e Laura fornece a resposta – o termo que faltava era sintomaticamente “romance”. A ironia não está apenas em que o maridão tão pouco sonhador, não atine por conta própria com o termo “romance”, mas que conclua logo em seguida: “ah, sim, é isso mesmo, pois combina com “delírio” e “Baluquistão”. Ou seja, para o espectador, e para Laura, palavras do mesmo contexto semântico de “romance” – “delírio” de modo óbvio, e “Balusquistão” por designar um daqueles países exóticos da Ásia, sugestivo de aventuras.

A respeito do distanciamento, claro que o realismo e a ironia já são índices

dele, mas acontece que, na verdade, ele vai mais além, e pode ser dado em dois níveis, como actancial (preso aos personagens) e autoral (preso à narração). No primeiro caso, lembremos a contenção britânica prevalecente.

Laura mesma descreve o marido como “unemotional” (nada emotivo) e algumas vezes, como na ocasião em que passeiam no Jardim Botânico, ela expressa a ideia de que o clima frio da Inglaterra seria responsável pelo fechamento do espírito britânico. Num filme de amor, consideremos, por exemplo, que: só acontecem dois beijos; que a fala de Laura está repleta de “pés atrás”; e que o casal (de meia idade) não chega a ir para cama.

Ora, parece que a relutância do casal em se entregar às melodramáticas “chamas da paixão” funciona como um homólogo da relutância da direção em abrir a estrutura do filme ao envolvimento autoral, e consequentemente, recepcional. O melhor exemplo dessa “frieza” autoral está na construção dupla da famosa cena da cantina da Estação. Vocês lembram, a gente vê a cena da dolorosa despedida do casal duas vezes, a primeira vez, sem nada entender, na abertura do filme, e a segunda, agora entendendo e sentindo tudo, no final.

Na primeira vez, o ponto de vista é

onisciente e, contudo, “perverso” já que nos esconde não só o conteúdo da cena, mas um instante de clímax, que é o da tentativa de suicídio de Laura. Com sua câmera torta, muita fumaça, o barulho do trem, o close deformado do rosto de Laura, esse clímax dramático consiste num raro momento de total envolvimento, e portanto, foi muito estudado pelo cineasta o fato de, na primeira construção da cena, fazer-se dele uma elipse.

Todo esse jogo entre ação distanciada e envolvimento emocional incrementa (ao invés de arrefecer) a dramaticidade e tem um resultado: concede ao filme uma qualidade rara que faz uma história de amor transcender seu gênero.

Em suma, quem só conhece David Lean de superproduções gigantescas como *Lawrence da Arábia* e *Doutor Jivago*, está precisando saborear a pequenez maravilhosa de *Desencanto*.

João Batista de Brito é escritor e crítico de cinema e literatura. Mora em João Pessoa (PB).

“A sexualidade é transgressora, como de resto deve ser a boa literatura”

Contista piauiense, João Luiz Rocha Nascimento fala com exclusividade sobre sua recente antologia erótica, ‘Morangos Silvestres’

Acilino Alberto Madeira Neto
Especial para o *Correio das Artes*

FOTO: DIVULGAÇÃO



J. L. Rocha Nascimento representa o que há de mais criativo e cativante na arte literária do meio norte do Brasil na contemporaneidade

Em idas e vindas, desloco-me com frequência de João Pessoa (PB) para Teresina (PI). Em última viagem à capital piauiense, em meados de março do ano em curso, tive o prazer de entrevistar o escritor e contista piauiense João Luiz Rocha Nascimento. Um encontro memorável e de grata satisfação em tomar conhecimento e ler *Morangos Silvestres e Outros Contos Eróticos* (2022).

J. L. Rocha Nascimento representa o que há de mais criativo e cativante na arte literária do meio norte do Brasil na contemporaneidade. Seus contos são bem trabalhados e sua contribuição para o engrandecimento deste gênero na literatura brasileira é algo inegável.

Do referido livro destaco o conto ‘Quarto de Milha’ como sendo de muita sutileza e grandeza estética (leia na página 42).

A entrevista ■ A arte do escritor J.L. Rocha Nascimento já foi anunciada aqui, na *Correio das Artes* (novembro de 2021), em breve ensaio de minha autoria com destaque para os livros já premiados *Um Clarão Dentro da Noite* (2019) e *Os Pés Descalços de Ava Gardner* (2020). Contudo, interessa para os nossos leitores e colaboradores saber como você define a sua escrita e o seu interesse pelo conto, enquanto gênero literário?

A escrita, para mim, tem um sentido ontológico, de um existencial, um modo de ser. É quase como uma rota de fuga fundamental. É escrevendo que dou vazão a minha inquietude, ao meu inconformismo e a minha insatisfação. É uma forma também de marcar um encontro comigo mesmo, de se aproximar de mim o máximo possível. Nem sempre isso é possível, mas eu tento. Dito de outro modo: escrevo para compreender a mim mesmo, bem como a minha relação com o mundo. E, como diz Marcelino (Freire), escrever também é uma forma de se vingar. Quanto ao interesse pelo conto, isso se deve ao fato de eu pertencer a uma geração de escritores forjada a partir dos anos 1970. Aqui em Teresina, ficou conhecida como “geração mimeógrafo”. Em meados dessa década, surgiu no Brasil um “boom” literário cuja maior expressão foi o conto. A grande maioria dos escritores que então surgiu era composta de contistas, daí a minha a identificação. Isso, contudo, não significa dizer que nunca deverei escrever um romance. Isso poderá ocorrer no momento próprio. Ou um livro de poema, hipótese mais improvável.

■ **No amago da confluência entre memória, cotidiano e desejo, o que significa e representa o livro *Morangos Silvestres e Outros Contos Eróticos* (Editorial Penalux, 2022)?**

Nos dois livros anteriores temas como memória afetiva, cotidiano da vida das pessoas, solidão, demência, dentre outros temas urbanos, são predominantes. Tem também um pouco de realismo mágico, de metafísica. Já o livro *Morangos Silvestres* é todo atravessado pela matéria do desejo, pelo erotismo, mesmo porque a sexualidade é um tema central na vida da humanidade, tratando-se, portanto, de um tema universal, com um diferencial: é transgressor, como de resto deve ser a boa literatura que

não deve ter receio por penetrar territórios difíceis. Ademais, a publicação de *Morangos Silvestres* é uma forma de homenagear outro livro, *Dei Pra Mal Dizer*, uma coletânea de contos de autoria Airton Sampaio, J.L. Rocha do Nascimento e M. de Moura Filho, integrantes do Grupo Tarântula de Contistas. Foi publicado em 2012, portanto, há mais de 10 anos, livro esse que foi precursor em matéria de erotismo na literatura no estado do Piauí.

■ **Como você estabelece a distinção entre o erotismo e a pornografia na linguagem literária? E qual a distância, sobretudo estética entre o conjunto de contos “Fesceninos” em *Dei Pra Mal Dizer* (2012), em coautoria com Airton Sampaio e M. de Moura Filho, e *Morangos Silvestres e Outros Contos Eróticos*, uma década depois?**

Não me preocupo muito com essa distinção, desde que, em ambos os casos, não se subestime o lado estético da criação, do tratamento rigoroso dado à palavra. Pessoalmente, eu tenho essa preocupação, a de dar um tratamento sofisticado à linguagem. Como se trata de um tema transgressor e interdito, eu faço a opção, mesmo quando uso da linguagem direta, de nunca dizer tudo. Na maioria dos casos, apenas sugiro e deixo que o leitor se encarregue do resto. Há sempre um não-dito na minha escrita, algo que fica em repouso nas entrelinhas esperando ser desvelado. Trata-se de um discurso de fundo ou de segundo nível que vai para além do mero enunciado, mesmo porque um dos recursos que mais utilizo para descrever uma cena é a metáfora, às vezes chego até abusar de seu uso, o que torna a leitura mais lúdica e interessante. Quanto à segunda parte da pergunta, eu diria que não há, do ponto de vista da estética, grandes distâncias entre os contos “Fesceninos”, de minha autoria, que compõe a coletânea *Dei Pra Mal Dizer* e os contos do *Morangos Silvestres*. Ao contrário, o “livro dos morangos” retoma o projeto lançado no longínquo ano de 2012. Em certo sentido, rende homenagem àquela coletânea, marco da literatura erótica no Piauí. Tanto isso é verdade que os sete contos publicados na coletânea foram atualizados e republicados nos *Morangos*, com a diferença que agora se trata de um projeto individual e não coletivo, como o anterior. Mas o tratamento estético é rigorosamente o mesmo.

■ **Na atualidade, qual o lugar do conto erótico na literatura brasileira e também na piauiense?**

A sexualidade, porque não dizer o erotismo, é, sempre foi e será uma questão



FOTO: DIVULGAÇÃO

Diferente das obras anteriores do autor, 'Morangos Silvestres' é todo atravessado pela matéria do desejo, pelo erotismo

central na história da humanidade em todas as áreas de conhecimento. Não poderia ser diferente na literatura, tratando-se, visto que se trata de um tema universal. Natural, portanto, que desde sempre, assim como amor e morte, tenha um lugar garantido na literatura. Não somente na brasileira ou na piauiense, e sim em toda literatura universal, a despeito de, ainda hoje, ser encarado com certa reserva, talvez pelo fato de que a transgressão na literatura erótica continuará sendo sempre um pressuposto.

■ **Em *Morangos Silvestres e Outros Contos Eróticos* são marcantes as imagens e impressões musicais, além de passagens que se ligam à dramaturgia brasileira e universal. O que isto significa em sua recente fase literária?**

A música e o cinema que são duas matrizes que compõe a base de minha de criação literária, talvez pelo fato de que desde sempre fazem parte, digamos assim, da minha memória afetiva, razão pela qual eu aproveito para, como proposta estética, fazer aproximações entre a literatura e essas duas espécies de expressão artística, sobretudo.

■ **O que mais lhe interessa na literatura piauiense na atualidade e no que esta pode contribuir em âmbitos regional e nacional?**

Interesso-me muito pelos novos autores, assim como os autores da geração 70, da minha geração, que ainda estão produ-

zindo. Agrada-me saber que a literatura contemporânea está sendo renovada. A cada dia surge um novo autor ou autora. Isso é bom. Quanto à contribuição, nós temos uma dificuldade histórica em matéria de visibilidade, aliado ao fato de que não temos aqui uma crítica literária. Com raras exceções, aqui se publica e ninguém diz nada, nem mesmo para criticar no sentido de dizer que o livro não tem valor algum. Mas já temos alguns avanços. Trata-se um desafio sempre presente e crescente a tarefa de valorizar nossa produção literária.

■ **Como você se define como escritor?**

Como alguém que precisa da literatura para respirar.

■ **E quais seus planos para futuro próximo?**

Meus próximos projetos são a publicação do meu 4º livro de contos (*Na Caverna de Platão e Outros Contos Breves*), que na data da publicação desta entrevista, já deverá ter sido publicado pela editora Penalux, e também de um livro acadêmico para este semestre. Tenho, ainda, um original de contos pronto para 2024 e estou trabalhando outro livro, cujo principal cenário será a cidade de Teresina, essa cidade que me acolheu a partir da segunda metade dos anos 1960. Em seguida, eu projeto partir para escrever meu primeiro romance. Já tenho algumas ideias. Falta-me formatá-las e colocar no papel.

Acilino Alberto Madeira Neto é escritor, poeta, compositor e membro da UBE Paraíba. Piauiense radicado em João Pessoa (PB) desde 1998, tem formações em Filosofia e Economia. É auditor fiscal do Estado da Paraíba e autor dos livros 'Nos Confins da Missão' (2007) e 'Monarquia de Sedução' (2008).



ILUSTRAÇÃO: TONIO

Quarto de Milha

J.L. Rocha do Nascimento
Especial para o *Correio das Artes*

Inquieta, troteava em círculo. Sacolejava-se também e repisava os próprios cascos. As narinas fumegavam; as ancas, escorregadias às minhas mãos. Imaginei-me golpeando-as. Estalido seco. Bate, disse, como que adivinhando meus pensamentos. Contive-me, receio de que viesse a desembestar. Limitei-me a afagá-la, após mergulhar a mão no pote de óleo de ameixa. Veio a resposta. A longa cauda desalinhada se pôs a valsar num só compasso, de um flanco a outro. A vulva, úmida, anunciava um rio de águas claras descendo lentamente pelas cordilheiras. Fale aquelas coisas, invoque a potra entranhada no meu ser. Seguiu-se uma enxurrada de murmúrios. Enquanto trilhava por sobre a nuca, fiz-lhe chegar outras palavras; em outros tons, outros insultos. Então, primeiro puseram-se em pé os pelos do dorso nu. Depois, qual rastilho de pólvora, os do corpo inteiro. Era a senha. Queria cavalgar. Num giro rápido, aboletou-se. Feche os olhos, diga o que vê à frente. Uma planície sem fim e verde como o milharal sem os pendões. Soltei as rédeas e aumentei o volume das maledicências, pus uma gota de poesia, adicionei mais carvão na caldeira e misturei tudo em fogo brando.

Mais rápido, disse. Disparou num galope espavorido. Pedras e cascalhos espalharam-se à sua volta. Nenhum obstáculo que não pudesse transpor. Atrás de si, um rastro de fogo. Eu, preso às suas crinas. Esporas e ondas de calor na pelagem baia bem abaixo do ventre faziam-na escoicear, sem peias. Um quarto de milha depois, a fúria cedeu lugar aos gemidos, inaudíveis no princípio. Temporal à vista, pensei. Dito e feito. Cresceram em escala ascendente até serem sucedidos por um grito primal. Correu-me assustada a alma, estremeceu-me a espinha. Em seguida, resfolegada, abriu um pouco mais a janela da alma e ao som de sete trombetas anunciou aos sete cantos a felicidade. No fim, ainda esbaforida, as mandíbulas ajustadas novamente às rédeas, recompôs-se aos pouquinhos, em marcha lenta, até refrear-se por inteira, quando então, em prantos, se rendeu. E quando o último suspiro calou o peito, enrodilhou-se.

E aí, imóvel, primeiro veio a queima de moléculas de carbono; depois, o desfalecimento; a calmaria.

J.L. Rocha do Nascimento é escritor e contista, autor de livros como 'Mo-rangos Silvestres e Outros Contos Eróticos', no qual está publicado o conto desta página. Mora no Piauí.



Milton Marques Júnior
marquesjr45@hotmail.com

SCHOLIA

Ei-lo pulando de uma casa para outra, nas ruas da Capital

Na primeira vez em que fui a Aix-en-Provence, no sul da França, admirei-me com os pregos de bronze, com aproximadamente oito cm de diâmetro, marcando os passos de Paul Cézanne pela cidade.

Das outras vezes, sem a surpresa primeira, mas com grande contentamento, voltei a seguir os passos do célebre pintor impressionista, que tantas vezes pintou a Sainte-Victoire, montanha das cercanias, e se tornou, talvez, o mais notável dos filhos daquela cidade.

Em 2022, retornei a Paris para passar 15 dias. Não era só para fazer nova visita à cidade onde morei um ano, mas, sobretudo, pelo prazer de fazer um mapeamento dos lugares por onde o grande escritor Victor Hugo viveu.

Foi tarefa das mais fáceis, embora tivesse andado bastante, tendo em vista que, muitos dos espaços habitados pelo genial autor de *Os Miseráveis* estavam devidamente identificados, com placas legíveis e bem cuidadas, assinalando, inclusive o período em que ali vivera.

A memória preservada, em um e outro caso, Cézanne e Hugo, facilita o trabalho do pesquisador e encanta o turista que, fortuitamente, descobre onde viveram e por onde passaram o pintor e o escritor.

Com o proverbial descaso que temos pela memória, sobretudo a memória cultural, tentar estabelecer



FOTO: MARCOS RUSSO/A UNIAO

os lugares por onde passou e onde viveu um grande escritor ou alguma figura proeminente de nossa história, torna-se uma tarefa não muito fácil. É o que estamos tentando fazer com Augusto dos Anjos, o maior dos poetas paraibanos, sem desdouro para ninguém, e um dos maiores poetas brasileiros.

Augusto dos Anjos viveu em vários lugares. No engenho Pau-d'Arco, onde nasceu e transcorreram sua infância e adolescência, no duplo limite das cidades de Espírito Santo e Sapé; no Recife, eventualmente, nos períodos de seleção para a Faculdade do Recife, a fim de formalizar, ali, o curso de Direito; aqui, na capital da Paraíba, João Pessoa, que, à época, se chamava Paraíba; no Rio de Janeiro, onde foi "nomeado professor de Geografia, Corografia e Cosmografia para uma das turmas suplementares do Ginásio Nacional" (carta à mãe, datada de 29 de abril de 1911, in: VIDAL, Ademar. *O Outro Eu de Augusto dos Anjos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1967, p. 189), o famoso Colégio Pedro II, e onde publicou o seu único livro, *Eu*, em 1912, e em Leopoldina, Minas Gerais, onde foi diretor do Grupo Escolar Ribeiro Junqueira e morreu, em 1914.

Em Leopoldina, para onde mudou-se em 1914, o poeta viveu 4 meses e 10 dias, de 22 de junho a 12 de novembro de 1914, morrendo de pneumonia. No Rio, viveu quatro anos, de 1910 a 1914, sem encontrar algo que lhe permitisse uma estabilidade, de modo a sustentar a família, mudando-se nada mais, nada menos do que 11 vezes naquela cidade.

Na capital da Paraíba, o poeta viveu dois anos, de 1908 a 1910. Aqui foi professor particular, professor substituto do Liceu Paraibano, participou das festividades da Festa das Neves, brigou com o governador do Estado, João Lopes Machado, casou-se com Ester Fialho dos Anjos e mudou-se para o Rio de Janeiro, de modo a cavar uma colocação – "Eu continuo bem disposto com a minha enxada de cavador, nesta grande Capital" (Bilhete postal à mãe, datado de 28 de setembro de 1910, VIDAL, 1967, p. 174).

Todos os lugares em que o poeta viveu são importantes, acreditamos, porém, que dois se destacam: os dois anos em que ele viveu em João Pessoa, à época, Paraíba, e os quatro anos em que morou no Rio de Janeiro. A

As informações se encontravam dispersas em vários livros e estudos, cujo foco não era mapear os lugares por onde o poeta passou

importância se dá devido aos vários espaços em que o poeta morou e por que circulou.

A respeito dos deslocamentos de Augusto dos Anjos, diz Francisco de Assis Barbosa ("Notas biográficas", in: ANJOS, Augusto dos. *Eu, Outras Poesias, Poemas Esquecidos*; texto e nota de Antônio Houaiss. 31. ed. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1971, p. 302):

"Até 1908, até pois os 24 anos, Augusto dos Anjos viveu no engenho Pau d'Arco, de onde se afastava periodicamente, para breves estadas na Paraíba ou no Recife. Fez todos os exames preparatórios no Liceu Paraibano e todo o curso na Faculdade de Direito, no regime que então se denominava 'exame vago', facultado aos alunos que não tivesse frequência regular, condicionando-os à arguição de toda a matéria e não apenas do ponto sorteado."

Reside, aí, a reclamação que o poeta faz, em carta datada de 27 de fevereiro de 1903, enviada à mãe, do Recife (VIDAL, 1967, p. 135):

"Hoje, pretendo inscrever-me.

Não fi-lo, há mais tem-

po, porque preciso estudar alguns pontos de que não fiz aí estudo regular. É que caem para exame todos os pontos exigidos pelo programa, e eu não esperava por essa surpresa tão desagradável."

Para este livro (este texto é a *Introdução* ao livro *Ei-Lo Pulando de uma Casa para Outra, nas Ruas da Capital: Um Roteiro de Augusto dos Anjos, nas ruas de João Pessoa, então Paraíba*, que estamos em vias de concluir), delimitamos, como campo de interesse, o estudo do período em que o poeta viveu aqui na capital. Não tivemos a intenção de inovar nada. As informações já existiam, só se encontravam dispersas em vários livros e estudos, cujo foco não era mapear os lugares por onde o poeta passou ou se estabeleceu, motivo por que elas se repetem. O que fizemos foi uma escoima, para a sistematização daquilo que nos interessa: o roteiro de Augusto dos Anjos, na nossa capital.

Dos vários textos consultados, destacamos os de Ademar Vidal, o de Raimundo Magalhães Júnior e o de José Américo de Almeida, mas sabemos da importância dos escritos de Órris Soares, Humberto Nóbrega, Francisco de Assis Barbosa, Horácio de Almeida, entre outros.

O livro de Ademar Vidal, *O Outro Eu de Augusto dos Anjos*, tem a suma importância de ter sido escrito por alguém que privou da intimidade do poeta por um ano inteiro, entre 1908 e 1909, como seu único aluno particular, na preparação para o curso de Madureza. Além disso, ali se encontram as cartas de Augusto dos Anjos à mãe, Sinha Mocinha, documentos fundamentais para estabelecer o roteiro de sua permanência nesta cidade de João Pessoa, fazendo o mapeamento dos lugares por onde morou e por onde andou.

As cartas foram publicadas várias vezes, por pessoas variadas, mas a primazia de publicação cabe a Ademar Vidal, pelo fato de tê-las recebido das mãos de Sinha Mocinha, após a morte do poeta. Ressalte-se, ainda, as várias notas explicativas que elas trazem.

O livro de Raimundo Magalhães Júnior, *Poesia e Vida de Augusto dos Anjos* (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977), é, sem dúvida a biografia

mais minuciosa que se tem do poeta, contribuindo bastante para o nosso trabalho, ao fornecer informações que permitem confrontações.

Já a conferência de José Américo – “Augusto dos Anjos, o homem e o poeta” – inserido no livro *Eu e Eles* (1. ed. reimpressão. Rio de Janeiro: Edições Nosso Tempo, 1978), traz o depoimento de quem privou da intimidade do poeta, após a sua mudança, em 1908, para a nossa capital.

Foi a partir de uma referência do autor de *A Bagaceira*, a respeito das mudanças de endereço de Augusto dos Anjos na capital, que nos inspiramos para dar o título do livro:

“Ei-lo pulando de uma casa para outra, nas ruas da Capital, no beco do Carmo, na Rua Direita, na Rua Nova, na Rua Padre Lindolfo.”

As várias leituras nos permitiram tirar algumas conclusões, que o leitor encontrará, detalhadas, ao longo do nosso trabalho:

1. Há, nos vários textos consultados, contradições e lacunas que precisam ser esclarecidas, mas a falta de preservação da memória cultural, sobretudo, dificulta o esclarecimento.

2. A leitura das cartas do poeta à mãe é importante, por nos conceder boa parte de seu roteiro e tornar evidente o seu perfil de professor.

3. A Rua Direita, atual Duque de Caxias, é a artéria principal da circulação do poeta: ali, a família de Augusto dos Anjos tinha propriedades; ali, ele morou com a mãe e os irmãos, deu aulas; por ali perambulou, em conversas com amigos, como José Américo; ali, funcionou o Liceu Paraibano, onde lecionou interinamente; situava-se o jornal *A União*, de que foi colaborador; ali, casou com Ester Fialho e com ela estabeleceu a sua última morada na Paraíba; dali, o poeta e a esposa saíram para o Rio de Janeiro, em 1910, para nunca mais voltar.

4. A Rua Barão do Triunfo, antiga Rua da Estrada do Carro, tem sua importância como espaço em que funcionou o Instituto Maciel Pinheiro, onde Augusto lecionou e foi codiretor por seis meses.

5. A cidade de João Pessoa precisa reconhecer a importância de ter tido um morador com a relevância cultural do poeta Augusto dos Anjos, e de ter sido palco de criação de poemas imortais, como o genial “Noite de um Visionário”.

6. A partir do que dizem Humberto Nóbrega e Ademar Vidal, há uma possibilidade real de Augusto

dos Anjos ter morado, no casarão que hoje abriga a Academia Paraibana de Letras.

Por fim, esclarecemos que não temos, em nosso livro, a pretensão de fazer mais uma biografia do poeta, pois esta não é a nossa área de atuação. Este livro é, efetivamente, um roteiro de suas moradas e andanças pela Capital, com a esperança de tocar a sensibilidade das autoridades constituídas, representadas na Câmara Municipal, na Assembleia Legislativa, no Governo do Estado e, com o apoio da Academia Paraibana de Letras, de que o poeta é o patrono da Cadeira nº 1, e patrono da própria entidade, de modo a não só instituir oficialmente o caminho do poeta pela capital, para o conhecimento de estudantes, turistas e demais interessados, mas sobretudo ser o passo inicial para a criação do *Dia de Augusto dos Anjos*, a ser comemorado na data de nascimento do poeta, a 20 de abril.

Quem sabe até sensibilizando o empresariado paraibano a investir na Academia Paraibana de Letras, Casa de Augusto dos Anjos, com o intuito de melhorar e ampliar o Memorial do poeta, com a aquisição, por exemplo, de um volume da *editio princeps* do *Eu*.

Milton Marques Júnior é professor da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Mora em João Pessoa (PB).

Sede da Academia Paraibana de Letras, em João Pessoa, onde há um Memorial dedicado à Augusto dos Anjos



FOTOS: MARCOS RUSSO/A UNIÃO

André Moraes, para além da mãe natureza

Rodrigo Falcão

Especial para o Correio das Artes

André Moraes e Sueli Costa criaram uma canção linda, transportando o eu lírico a um lugar imaginário que vai além da esfera pela mãe natureza. A música 'De corpo aberto' está no primeiro disco de André Moraes, *Bruta Flor* (2011).

André é ator, diretor de cinema, roteirista e músico paraibano. Gravou dois discos autorais. O primeiro foi *Bruta Flor*, em parceria com grandes nomes da música brasileira. O segundo foi *Dilacerado*, lançado em 2015.

Como diretor, lançou o curta-metragem *Alma*, mas sua maior repercussão no audiovisual foi o longa *Rebento*, no qual é autor e diretor, e angariou vários prêmios nacionais e internacionais, incluindo o Golden Sparrow de Melhor Filme e Melhor Atriz no Diora Film festival, em Nova Deli, Índia.

Atualmente, André está em fase de finalização do seu segundo longa-metragem, *Malaika*, previsto para 2024, e um disco novo no segundo semestre deste ano.

Saravá, André!

DE CORPO ABERTO

Sueli Costa / André Moraes

Está em mim aberto o caminho
Como a Terra se abre para o rio
Como nas veias corre o sangue em fio
A noite se abre para o dia
O ventre se abre para a vida
À beira do mar imenso
Braços se abrem ao vento
E meu corpo aberto
Num instante de um verso
Ergue os muros de um castelo
Onde mora um ou dois segredos
Que por descuido agora revelo



FOTOS: DIVULGAÇÃO

André Moraes, ator, diretor de cinema, roteirista e músico paraibano, tem dois discos autorais lançados, e 'De corpo aberto' está em seu CD de estreia



Sueli Costa compôs canções famosas nas vozes de Ney Matogrosso, Simone e Cauby Peixoto, entre outros. Ela assina, junto com André Moraes, a faixa 'De corpo aberto'

Compreensão:

O eu lírico personifica seu caminho aberto, e, ao mesmo tempo, compara a Terra se abrindo para o rio, e o sangue que corre nas veias. Exemplo: "Está em mim / Como a Terra se abre para o rio / Como nas veias corre o sangue em fio".

A noite e o dia se interligam como um jogo da natureza que desabrocha, assim como o ventre para a vida. Exemplo: "A noite se abre para o dia / O ventre se abre para a vida".

Na sequência, o eu lírico contempla à beira do mar com os braços abertos e metaforiza o verso num instante, que, em seguida cria os muros de um castelo imaginário. Lá seria o lugar onde habitam segredos, mas que, agora, por distração são revelados. Exemplo: "À beira do mar imenso / Braços se abrem ao vento / Ergue os muros de um castelo / Onde mora um ou dois segredos / Que por descuido agora revelo".



Através do QR Code acima, ouça 'De corpo aberto' no Youtube

Rodrigo Falcão, é professor de língua portuguesa, crítico musical e foi colunista da Tabajara FM com o quadro 'Eu Lírico' (2017-2018). Mora em João Pessoa (PB).



MUSEU DO RÁDIO PARAIBANO

marketing epc

O Museu do Rádio Paraibano (MRP) é mais um espaço de cultura criado dentro do contexto da política de preservação da história, implementada pelo Governo do Estado da Paraíba.

Aqui, resgatamos o fazer radiofônico em exposições permanentes e temporárias, apresentando a evolução tecnológica do meio. Transmitindo fatos, música e cultura, o rádio tornou-se espelho de nossa vida, fazendo do MRP um importante ponto de contato com as memórias noticiosas e lúdicas, e com as vozes e canções que alimentaram a nossa relação afetiva com esse centenário meio de comunicação.



Horário: 9h às 16h

Local: Rádio Tabajara - Av. Dom Pedro II, 3595, João Pessoa - PB





Escola de
Música Sesc
Dom Ulrico

Sesc
Fecomércio
Senac